

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

MURIEL COSTA DE MOURA

**OLHARES SOBRE TUPACIGUARA (1920 – 1960):
DE SONHO RURAL A IDEAL DE PROGRESSO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
2009**



MURIEL COSTA DE MOURA

**OLHARES SOBRE TUPACIGUARA (1920 – 1960):
DE SONHO RURAL A IDEAL DE PROGRESSO**

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História.

Orientadora: Prof. Dr^a. Regina Ilka Vieira Vasconcelos.

UBERLÂNDIA-MG
2009

R696f

COSTA, Muriel Costa.

Olhares sobre Tupaciguara (1920-1960): de sonho rural
ideal de progresso / Muriel Costa de Moura; orientadora:
professora doutora Regina Ilka Vieira Vasconcelos, 2009.
87f.

Monografia (Curso de História) –
Instituto de História – Universidade Federal de Uberlândia

1. Cidade. 2. Transformação Urbana. 3. Tupaciguara-
MG.

I. Título.

UFU

CDU – 930.2:792

**OLHARES SOBRE TUPACIGUARA (1920 – 1960):
DE SONHO RURAL A IDEAL DE PROGRESSO**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a: Regina Ilka Vieira Vasconcelos.

Prof. Dr.:

Prof. Dr.:

*Aos meus pais, ao meu
irmão e à minha avó, pelo
amor incondicional.*

*À cidade de
Tupaciguara, por amor à sua
história.*

AGRADECIMENTOS

Por junção de palavras, felicito-me ao concretizar o ato de reconhecer ações direcionadas a mim durante essa longa e difícil caminhada de aperfeiçoamento humano. Ter a quem agradecer é o maior dom que um ser humano pode carregar: O dom do conhecer, do amar, do compreender, do ajudar e ser ajudado, da troca de valores à construção de afinidades. Este dom, incessante e único, concretiza o sonho de SER humano em variados momentos de nossas vidas, sejam eles de gargalhadas ímpares sejam de lágrimas inquietantes. Reconheço cada gesto ou atitude daqueles que, sem sombra de dúvidas, me trouxeram até este momento: O momento de reflexão de minha trajetória acadêmica. Por serem pessoas importantes, merecem e devem ser homenageadas, de maneira humilde, mas sincera, pois fizeram parte da MINHA história.

Recordando meus esforços para a conclusão deste sonho, engrandeço-me por perceber que pessoas especiais e únicas me auxiliaram nesta caminhada. Sem eles, não me transformaria no homem que sou hoje e no profissional que pretendo ser. Alguns destes seres humanos contribuíram de maneira momentânea, fator este que não minimiza a importância de suas palavras de carinho e alerta. Outros são insistentes, compreensivos e presentes a cada girar dos ponteiros, estando ao meu lado, erguendo-me nos momentos de “quase” desistência.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus e à minha mãe, minha rainha, minha protetora, Nossa Senhora D’Abadia, que me amparou espiritualmente por estes vinte e poucos anos. Tens aqui um eterno servo de seu poderoso amor de mãe.

Agradeço carinhosamente à Profa. Regina Ilka Vieira Vasconcelos que me orientou na composição desta monografia. Seu sotaque indiscutível me tranquilizou em inúmeros momentos, concretizando o ato de orientar, apontar caminhos e lançar luz às dúvidas e desesperos. Agradeço do fundo de meu íntimo a todos os conselhos e “puxões” de orelha que me fizeram refletir sobre o ESTAR acompanhado nesta luta, desde os estágios supervisionados em dias de chuva em minha cidade natal, aos encontros semanais em sua sala de conselhos. Dedico-lhe, assim, meu afeto e apreço pelos ensinamentos preciosos.

Agradeço aos meus queridos amigos que me acompanharam nos primeiros anos de luta acadêmica na Universidade Estadual de Goiás, em Itumbiara-GO. Um ano apenas

que me fizeram compreender a hospitalidade e a amizade em terras goianas: Evandro, Ívia, Lilian, Adriana e amiga Carol, obrigado por tudo. Em especial, destaco um ser único que me surpreendia em cada gesto e olhar. Minha “mãezona” Rejane que sempre me apoiou e me incentivou na busca pela realização de meu sonho! Muitas saudades de nossas intermináveis conversas que ainda conseguem arrancar lágrimas ao serem lembradas. Obrigado, amigos! Nunca os esquecerei! Aos professores da UEG, Douglas, Evaldo e Alcione, meus eternos agradecimentos por me apresentarem caminhos de amor à História.

Agradeço também aos meus amigos e acolhedores companheiros de Universidade Federal de Uberlândia: Shirley, Tacila, Edna, Franciele, Eliete, Pablo e Leozão, vocês me ampararam e me fizeram olhar a UFU com outros olhos. À Kelinha, em especial, meus mais sinceros agradecimentos por me fazer sorrir e compreender que Uberlândia assusta *à priori*, mas cativa ao apresentar moradores tão especiais. Obrigado, de coração, a todos vocês.

Aos meus amigos de Tupaciguara, Emilliano Nogueira, Eduardo Lau, Maria Emília, Éberton, Ângela, Raquel, Eva Paula, Ana Paula Rossi, obrigado por fazerem parte da minha trajetória humana e por deixarem transparecer o verdadeiro significado da palavra amizade. Sem vocês, aquele inesquecível 3º B, do ano de 2000, não teria sentido. Mesmo tendo se passado tantos anos, vocês continuam ao meu lado, sempre. Amo muito vocês.

Agradeço ao meu irmão de sangue, Emiliano Costa, que juntos, conquistamos a construção de um círculo de amizade sólido. Sempre ao meu lado, mesmo nos momentos tensos de nossas vidas, soube me compreender e aceitar meus “xiliques”. Você é um dos seres que mais amo e confio. Neste rol de irmãos, gostaria muito de salientar a importância em minha vida, de uma irmã, não de sangue, mas de alma! Ela, que me arrastou carinhosamente para o amor à História, é uma das pessoas em quem confio minhas confidências, minhas senhas e meus mais absurdos dilemas! Você foi o alicerce e as paredes de minhas realizações. Obrigado Eliane Leal, carinhosamente nomeada por mim de “Li”, por ser paciente e compreensiva, e por me salvar das mais inusitadas enrascadas. Obrigado pelos telefonemas, pelos filmes, livros, sorrisos, sopas, conselhos e confidências. Dizem que amigos são parentes que podemos escolher; por esse motivo, a vida escolheu você como minha eterna irmã! Amo-lhe muito! Obrigado por tudo! Dedico essa minha vitória a você, com todo afeto e gratidão!

Estendo meus abraços a todos os meus queridos amigos de viagens do ônibus 2300. Em especial, à amiga Priscila, pelos conselhos preciosos, Ana Flávia, Marília, Thaína, Vanessa e Rodrigo Goiás, obrigado pelos momentos de descontração e por fazerem aflorar nossa juventude em meio a tantos seres envelhecidos sem idade. Obrigado pelas piadas e pelos sorrisos. Se sorrir faz crescer nossa perspectiva de vida, obrigado amigos por me darem mais alguns anos para degustar alegrias. Agradeço também à Juliana Assunção, pelos momentos, conselhos e por um passado, o qual possa me lembrar com muito carinho.

Aos meus amados pais, obrigado pelo apoio e pelos gestos de amor e compreensão. Pai João lhe agradeço pelos insistentes alertas que hoje, estão presentes em todos os meus atos. Obrigado meu herói por ser meu maior exemplo de garra, honestidade e amor pelo que faz. Obrigado mãe Ediloisa por ser meu esteio e meu colo das horas difíceis. Foram inúmeras às vezes de noites em claro, remédios em mãos, choros e visitas aos médicos: dentre todas estas soluções receitadas, o principal, nenhum médico me receitou: o amor de mãe em altas doses. Descobri-o sozinho. A senhora foi um dos maiores motivos para que continuasse minha luta. Obrigado por doar-me esse amor imutável. Agradeço também à minha amada “Vózinha” Maria Augusta. Exemplo de garra e perseverança, sempre será meu ombro amigo e a mulher, juntamente com minha mãe, que mais amo neste mundo! Obrigado pelo incentivo e por me doar força, sempre! É meu espelho, meu exemplo, e minha vida, minha pequena “Voiê”.

Gostaria também de agradecer às pessoas que encontrei pelo caminho que me fizeram ver o mundo através das dificuldades. Foram pessoas que me deram a mão para iniciar minhas primeiras experiências profissionais: Agradeço a Sra. Maria Helena Alves Oliveira por acreditar em meu potencial incentivando-me a ser forte, sempre. À querida amiga Irmã Maria Geralda que me acolheu como professor no Colégio Imaculada Conceição com tamanho carinho e amor. Será lembrada sempre pela força dada a este sonhador. Que Deus a abençoe! Meus agradecimentos também ao Prefeito Municipal, Sr. Alexandre Berquó Dias, por confiar a proteção do patrimônio histórico de minha pequena cidade em minhas humildes mãos. Tenha a certeza prefeito, de que este trabalho também é fruto de seu incentivo na preservação da história de Tupaciguara. Agradeço aos meus amigos do CIAC pela paciência e companheirismo. Deus abençoe todos vocês!

Entre os professores que mais marcaram minha caminhada intelectual vale ressaltar e agradecer aos mestres da Escola Estadual Sebastião Dias Ferraz: Sestak, Teresa Lúcia, Helia Terezinha, D. Lady Fidélis, Dalmo, Tia Vani, Tia Hélia de Fátima, Dona Regina (Saudades) e ao amigo Professor Jarbas Feldner, que foi o primeiro a dar espaço para a primeira atuação de minha vida como docente. Aos professores de cursinho, agradeço ao “Gariba”, José André, “Domingão” e ao professor André, que foi o ser que me apoiou na decisão da busca pelo curso de História. Dentre aqueles da graduação que deixaram sua contribuição e saudade, elenco: Heloisa Helena, Wenceslau, Dilma, Andressa, Fernanda, Marta Emísia, Regina Ilka, Newton Dângelo, Antônio Almeida, Alcides e Leandro. Obrigado por fornecer-me momentos mágicos dentro da Universidade Federal, que me fizeram compreender o verdadeiro sentido da palavra conhecimento.

A todos aqueles que me ajudaram de maneira simples: Aos motoristas da Rodocouto que, nas idas e vindas, mostraram profissionalismo e amor pelo trabalho. Ao tio da barraca de Jornais, à Estudantina pelos maravilhosos momentos de paladar, ao João, secretário dos cursos de História e a todos os não mencionados em páginas, mas gravados no coração deste futuro graduado, meus sinceros agradecimentos.

**"A história, no entanto, não
se pode duvidar disso, tem
seus gozos estéticos próprios,
que não se parecem com os
de nenhuma outra disciplina.**

**É que o espetáculo das
atividades humanas, que
forma seu objetivo específico,
é, mais que qualquer outro,
feito para seduzir a
imaginação dos homens'"**

BLOCH, Marc

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo principal analisar, através do estudo da História, as transformações ocorridas no Município de Tupaciguara entre as décadas de 1920 e 1960, e repensar o processo histórico permeado pelo fluxo migratório, pelo comércio e novas tecnologias de comunicação. Pretende perceber também como, no decorrer destas décadas, se deram as transformações urbanas, culturais e econômicas da cidade de Tupaciguara, após a década de 1920 e suas influências. Este período é compreendido como o de maior estímulo desenvolvimentista da pequena cidade do interior das Minas Gerais. Nesse sentido, é elencada a pluralidade de características deste processo social-urbano da cidade.

Palavras-chave: Cidade; Transformação Urbana; Tupaciguara - MG.

SUMÁRIO

Introdução.....	12
 Capítulo I	
Traços Nacionais em Tupaciguara: Considerações sobre a História da Modernidade no Brasil.....	21
Apontamentos sobre o contexto histórico de Tupaciguara na década de 1920: mediações entre o local e o nacional.....	19
A vida através de ondas e imagens: Os primórdios dos meios de comunicação na cidade de Tupaciguara.....	27
 Capítulo II	
Os imigrantes e suas influências: As transformações Culturais, econômicas e Urbanas na Cidade de Tupaciguara entre as décadas de 1930 e 1950.....	42
Os imigrantes e a novo lar.....	40
As Transformações Urbanas, Culturais e econômicas de Tupaciguara.....	44
 Capítulo III	
Imagem construída: Progresso e Desenvolvimento: análise do documentário sobre a Tupaciguara de 1960.....	58
A construção de uma imagem progressista.....	61
 Considerações Finais.....	 79
 Fontes.....	 84
 Bibliografia.....	 86

INTRODUÇÃO



“Esse discurso se define enquanto dizer, como articulado com aquilo que aconteceu além dele; tem como particularidade um início que supõe um objeto perdido; tem como função, entre homens, a de ser a representação de uma cena primitiva apagada, mas ainda organizadora. O discurso não deixa de se articular com a morte que postula, mas que a prática histórica contradiz. Pois, falar dos mortos é também negar a morte e, quase, desafiá-la. Igualmente diz-se que a história os ‘ressuscita’. Esta palavra é um engodo: ela não ressuscita nada. Mas evoca a função outorgada a uma disciplina que trata a morte como um objeto do saber e, fazendo isto, dá lugar à produção de uma troca entre vivos”.

CERTEAU, Michel.

O século XX transformou-se no século das dúvidas, e o principal: A busca por respostas. Este século é considerado o de inúmeras descobertas e transformações onde os feitos históricos e as realizações científicas deram novos rumos à sociedade humana.

O finalizar do século XIX e o início do Século XX mostra-nos as incontestáveis descobertas do homem, seus esforços para o entendimento, superações e transformações, no alcance de soluções para o ato de “viver” de maneira facilitada, unindo povos, unindo culturas, modernizando assim as ações humanas. Lembrando que, ao transformar a natureza, o homem constrói cultura e estas mudanças merecem ser evidenciadas por trabalhos acadêmicos.

Este século – avaliado como o século das grandes conquistas tecnológicas e científicas – nos convida a mergulhar nos feitos notáveis e nas grandes realizações da “ciência e da técnica”. Este é um importante período mundial, porque foi palco de intensas modificações, de aprimoramentos tecnológicos, como a invenção do computador; da descoberta de curas e de novas doenças; de conflitos e ideologias atômicas que marcaram a história e que, anos após seriam os assuntos mais abordados no meio intelectual acadêmico. Estas descobertas e suas influências não ficaram restritas ao continente Europeu e à América do Norte. A América do Sul, em especial o Brasil, também foi invadido pelos desejos capitalistas do consumo e pelo início da “era tecnológica mundial”.

Dentre as invenções deste período que mais fizeram sucesso entre os brasileiros, destacam-se o Rádio e o Cinema que, ao “desembarcarem” em território nacional, causaram grande alvoroço, modificando costumes e criando outros. Por várias partes do globo a vida humana passou a embalar-se por ondas radiofônicas e imagens cinematográficas, sendo o início de um período com importantes transformações nas dimensões econômicas, políticas, sociais e culturais. Este processo também foi capaz de criar novas espacialidades e redefinir processos de constituição das cidades.

A cidade de Tupaciguara, no Triângulo Mineiro, com pouco mais de nove mil habitantes no início da década de 1930, vivenciou mudanças drásticas em seu meio social com a chegada do Rádio e do Cinema e que se adequou a essas mudanças se transformando de sonho rural a ideal de progresso. Nesse sentido, é através desta pesquisa que se torna claro os hábitos e costumes das décadas de 1920, 1930, 1940 e 1950 da cidade de Tupaciguara que foram modificados após o implante destes meios de comunicação tão importantes para a humanidade. A chegada de imigrantes e seus conhecimentos

transformaram o comércio, a agricultura e a pecuária do município, movimentando assim a economia local.

A materialização deste tema em monografia apresentou grande dificuldade ao deparar com o fato de que as fontes sobre a história local são mínimas. Grande parte de todo o conhecimento da história do município de Tupaciguara encontra-se na memória popular, em contos, músicas, fotos, documentos e poucos livros. Essas dificuldades e a distância entre fatos e a falta de registros propiciou momentos de angústia e cansaço que se tornaram molas propulsoras para contribuir com um trabalho que irá certamente elucidar dúvidas a respeito da história da cidade de Tupaciguara.

Foram feitas pesquisas de campo onde grande parte dos achados pertence a pessoas comuns que prontamente ofereceram seus arquivos particulares para a elaboração deste trabalho. Mesmo com materiais de variadas décadas, podemos encontrar grandes contribuições para pesquisas futuras. Lembrando que, as pesquisas orais foram utilizadas intensamente neste trabalho por ser uma das únicas fontes encontradas para o apoio de tal tema.

Outro fator importante a ser ressaltado é que a cidade de Tupaciguara conta com um grande número de acadêmicos do curso de História, mas, é notória a falta de interesse dos mesmos pela história local, contribuindo assim com temas já trabalhados por outros pesquisadores, esquecendo-se que sua própria história, a história de sua terra natal, encontra-se à espera de organização e descobertas. Em última instância, tornam-se raros os trabalhos intelectuais que utilizam como base a história local.

As obras utilizadas na elaboração deste trabalho foram de real importância, pois contribuíram para elucidar pontos obscuros de difícil compreensão. Cabe aqui ressaltar a grande importância da obra de Marc Bloch, *Apologia da História ou o Ofício de Historiador*¹ que se tornou essencial para o desenvolvimento desta pesquisa. Bloch evidencia que, a produção historiográfica é guiada por condições sociais que permeiam aquele momento. Assim, é imprescindível a relação entre o historiador e o passado, não se esquecendo que o mesmo deve ser feito com o momento presente, da produção da pesquisa. O autor refere-se às “testemunhas” de um momento passado que precisam falar

¹ BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício de Historiador**. Prefácio de Jacques Le Goff; apresentação à edição Brasileira de Lília Moritz Schwartz; tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

durante a pesquisa. Afirma que o historiador deve ser guiado através da voz do “morto”, que tem grande influência sobre a pesquisa. Através deste pensamento, nota-se que há a necessidade de “permitir que os mortos falem”, e através desta fala, compreender o processo de desenvolvimento da cidade de Tupaciguara entre as décadas de 1920 e 1960.

O texto de Rui Guilherme Granziera, *O Brasil depois da Grande Guerra*,² auxiliou na compreensão sobre as transformações nacionais na década de 1920, principalmente, no pós-Primeira Guerra Mundial. O autor não só demonstra o ocorrido na referida década, como também remonta todo o processo anterior ao período para a compreensão das transformações ocorridas. Assim o primeiro capítulo desta pesquisa envolverá não só as transformações ocorridas em Tupaciguara e no Brasil na década de 1920, mas sim, o processo responsável por tais modificações sociais.

Dois textos de autores locais são as únicas obras sobre o município de Tupaciguara, sendo que ambas são estruturadas na memória de seus autores e de outros moradores. A obra *Tupaciguara para principiantes*³ de Dennis Kent, é um trabalho realizado através da oralidade e de alguns documentos da câmara Municipal de Tupaciguara. A segunda obra, de autoria de Elias Luis Mamede, chamada *Bar Glória*⁴, procura contar a história de Tupaciguara através das relações sociais entre os moradores da cidade. Lembrando que, tais relações citadas no livro, aconteceram dentro do conhecido Bar Glória ou na via pública da Rua Coronel Joaquim Mendes de Carvalho, centro comercial da cidade entre as décadas de 1920 e 1970. Tais obras foram de primordial relevância para a elaboração desta monografia, aliás, são as únicas obras que remontam períodos da história de Tupaciguara.

Existem inúmeros moradores que poderiam contribuir com este trabalho, mas houve a necessidade de escolher aqueles que estiveram mais envolvidos com as transformações locais. Visto que, entrevistar todos e utilizar estas entrevistas ultrapassariam os estreitos limites de um trabalho monográfico. Por isso, duas entrevistas foram selecionadas, auxiliando ainda mais na compreensão dos acontecimentos da cidade de Tupaciguara entre as décadas de 1920 e 1960.

² GRANZIERA, Rui Guilherme. *O Brasil depois da Grande Guerra*. In: COSTA, Wilma Peres de; LORENZO, Helena Carvalho de. (Org). **A década de 1920 e as origens do mundo moderno**. São Paulo: Editora da UNESP/Prisma, 1997, p. 137.

³ KENT, Dennis. **Tupaciguara para Principiantes**. Uberlândia: MDComm, 2002.

⁴ MAMEDE, Elias Luis. **Bar Glória**. Uberlândia-MG: Aline Editora, 2004.

A primeira entrevista é de Bernardino Lopes de Faria, primeiro telegrafista e posteriormente carteiro de Tupaciguara. Ele vivenciou grande parte das transformações nos meios de comunicação local. Atualmente, reside na cidade de Goiânia-GO, é notável que a maneira como declara, abertamente, seu amor pela cidade que o acolheu durante a juventude. A segunda entrevista foi realizada com o Sr Elan Fonseca que trabalhou no centro comercial de Tupaciguara entre as décadas de 1940 e 1960 e, vivenciou grandes mudanças sociais do período. Ambas são pessoas imprescindíveis na elaboração deste trabalho.

As dificuldades encontradas em relação às entrevistas foram significativas. Um dos moradores da cidade de Tupaciguara, Fauze Abdulmassih, possível entrevistado, não pôde fazer parte deste trabalho por problemas de saúde, mas, mesmo assim, não deixou de contribuir com esta pesquisa. A segunda dificuldade foi a de que, Bernardino Lopes de Faria, residente nos dias atuais na cidade de Goiânia, se deslocou à cidade de Tupaciguara em visita aos familiares, e assim, houve uma espera de meses para o acontecimento da entrevista.

Entre todos os documentos aqui utilizados, sem dúvida as entrevistas merecem destaque especial. A pesquisa oral propicia o contato direto com o espectador dos fatos e, além da fala, é perceptível a emoção nos olhos de cada um deles. Por instantes, o passado retorna às mentes e faz com que haja sorrisos e até mesmo lágrimas, como foi o caso de Bernardino Lopes, que se emocionou ao lembrar-se de sua história.

Diante de tantas possibilidades de pesquisa, infelizmente recortes foram feitos e acontecimentos privilegiados. Assim, a opção realizada foi feita respeitando a ordem do tema, de maneira que proporcionasse um fácil entendimento do sentido proposto por esta pesquisa. Mesmo assim, há momentos em que, pela ausência de fontes informativas, assuntos tiveram pouca abordagem e merecem futuras pesquisas.

O primeiro capítulo se debruça sobre a explicação dos primórdios da sociedade tupaciguarenses e, através das décadas seguintes, as transformações foram comparadas com os acontecimentos nacionais e mundiais, principalmente permeados pelas novas tecnologias de comunicação. Havendo uma mediação entre o contexto local e nacional, o referido capítulo aborda, não somente o início das transformações urbanas de Tupaciguara, mas aponta alguns motivos que contribuíram para tal feito. Explica também as posteriores

mudanças locais em busca de uma modernização, amparadas pela introdução da telegrafia, do cinema e do rádio.

A próxima parte deste trabalho, iniciada no segundo capítulo, procura elucidar o processo migratório na cidade de Tupaciguara. Apresenta o motivo pelo qual estes imigrantes escolheram a cidade e quais suas origens. Segue-se a pesquisa em torno das influências cedidas pelos imigrantes, através de suas culturas, baseadas no comércio. Através disso, é notório o choque entre a cultura estrangeira e uma cultura local, baseada em costumes tipicamente rurais. Por isso, esse capítulo apreende a receptividade local a estes imigrantes, suas influências no novo lar e as transformações urbanas, econômicas e culturais deste processo.

O terceiro e último capítulo analisa a obra fílmica, concluída no ano de 1960, sobre a cidade de Tupaciguara. Esta película é dividida em três partes, sendo que somente uma delas está disponível à população local. Assim será analisada a primeira parte que apresenta o comércio, a cultura, a indústria e o aspecto urbano da pequena cidade da década de 1960. Produção encomendada pela Prefeitura Municipal de Tupaciguara e por alguns comerciantes locais, o filme é uma fonte rica de detalhes sobre o referido período e única por apresentar as transformações locais no ano de 1960. Assim, este capítulo aborda uma produção capaz de demonstrar a criação e fixação de uma memória que pensa esta sociedade nos moldes da modernidade e do progresso.

Pelas dificuldades encontradas e as poucas fontes históricas, a cidade de Tupaciguara merece rigorosas ações de preservação de sua memória, não somente do poder público, mas da população em geral. Portanto este trabalho se dispõe a contribuir na minimização desta carência de trabalhos voltados para a área histórica do município. É somente o início, mas, espera-se “novos ares” na conscientização popular para com a preservação histórica do Município de Tupaciguara.

CAPÍTULO I

TRAÇOS NACIONAIS EM
TUPACIGUARA: CONSIDERAÇÕES
SOBRE A HISTÓRIA DA MODERNIDADE
NO BRASIL

Na metáfora das cidades da vida, o “antigo” participa, assim, da ambigüidade de um conceito que oscila entre a sabedoria e a senilidade. Mas o par (antigo/moderno) e o seu jogo dialético é gerado por “moderno” e a consciência da modernidade nasce do sentimento de ruptura com o passado.

GOFF, Jacques Le

Como ensina o historiador alemão Marc Bloch, em *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*, “por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [...] por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar”.⁵ Assim, o estudo da história não se restringe a monumentos, ou seja, objetos inanimados, mesmo que criados pelo homem. O objetivo do conhecimento histórico são as ações humanas no tempo. Portanto, “quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça”.⁶

Na escolha, na elaboração e na redação deste trabalho acadêmico é de primordial relevância ressaltar a importância de se narrar fatos e acontecimentos imprescindíveis para as transformações humanas existentes em qualquer sociedade, seja contemporâneas seja fatos distantes no tempo. Deste emaranhado de acontecimentos produzidos pelo homem, tanto materiais quanto imateriais, o historiador, como peça primordial para o entendimento de relações e ações humanas, se descuida quando, desesperadamente, busca a origem dos fatos. Para Marc Bloch, o historiador não deve buscar somente o passado: “A própria noção segundo a qual o passado enquanto tal possa ser objeto de ciência é absurda”.⁷ Para ele, o ofício do historiador é a procura pelo “homem”, ou melhor, “os homens”, e mais precisamente “homens no tempo”.

Inspirado pelas palavras de Bloch, o panorama histórico presente neste primeiro capítulo não é o foco principal desta pesquisa. Nesse sentido, ele se justifica para pensar as mudanças ocorridas pós 1920 na cidade de Tupaciguara-MG, entre essas mudanças podemos destacar as transformações culturais, sociais e econômicas. Entretanto, tendo consciência de que a escrita da história não pode isolar o contexto local, relações com contextos nacionais e mundiais serão apontadas à medida que contribuam para elucidar as experiências na referida cidade interiorana.

Assim, este capítulo se debruça sobre as descobertas científicas e tecnológicas presentes na década de 1920, marco do modernismo no Brasil. Deste modo, a cidade de

⁵ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício de Historiador*. Prefácio de Jacques Le Goff; apresentação à edição Brasileira de Lília Moritz Schwartz; tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 54.

⁶ Idem.

⁷ Idem., p. 20.

Tupaciguara, é receptora destas transformações e as assimila de uma maneira particular que dialoga com a sua própria história.

Por tudo isso, as inúmeras transformações inerentes à pequena cidade do interior do Triângulo Mineiro nos interessam no instante em que visualizamos o homem por trás delas. Por isso, nos deixamos guiar pela leitura que Jacques Le Goff faz no prefácio da obra **Apologia da História**, quando fala que Bloch ,

[...] recusa uma história que mutilaria o homem (a verdadeira história interessa-se pelo homem integral, com seu corpo, sua sensibilidade, sua mentalidade, e não apenas idéias e atos) e que mutilaria a própria história, esforço total para apreender o homem na sociedade e no tempo.⁸

APONTAMENTOS SOBRE O CONTEXTO HISTÓRICO DE TUPACIGUARA NA DÉCADA DE 1920: MEDIAÇÕES ENTRE O LOCAL E O NACIONAL

A abordagem dos anos de 1920, no Brasil, torna-se desafiadora de qualquer ângulo ou prisma eleito para a observação. É um período onde a nação apresenta-se às mudanças vindas do exterior e inicia-se um grande processo de adequação às mesmas.

A sociedade brasileira na década de 1920 ampara-se em uma base econômica agrária e a vida no campo modifica-se pelas transformações sofridas nos grandes e pequenos centros urbanos. É em algumas cidades que existe um grande número de indústrias, símbolos da ascensão do sistema capitalista, principalmente, do consumismo. Mesmo assim, o campo e o café guiam os rumos da política econômica no país. As cidades brasileiras transformaram-se através de uma população urbana que cresce mais depressa do que a rural, dando a impressão de que o movimento urbano independe do crescimento e das movimentações econômicas nacionais.

⁸ BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício de Historiador**. Prefácio de Jacques Le Goff; apresentação à edição Brasileira de Lília Moritz Schwartz; tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 20

Todo esse emaranhado de transformações são características do século XX, onde a Europa e os Estados Unidos, juntamente com seus aprimoramentos tecnológicos, tornaram-se modelos de ousadia, ordem e de progresso, influenciando, assim, inúmeros países pelo mundo, incluindo o Brasil.

A cidade de Tupaciguara localizada em Minas Gerais, precisamente no Triângulo Mineiro, deparou-se na década de 1920, com um “espírito” desenvolvimentista criado a partir das influências capitalistas mundiais, em especial as do consumo e da comunicação visual e auditiva. Cabe aqui evidenciar os períodos que antecederam este processo de crescimento urbano, para que haja uma reflexão entre estas e outras transformações no país.

O início do povoamento se deu posterior à passagem do Bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva (o Anhanguera) que, ao desbravar grandes territórios mineiros e goianos, deu início o povoamento destas áreas,⁹ antes desconhecidas aos grandes centros. Inicialmente, assentava-se uma pequena família que, após erguer uma capela para as práticas religiosas, incitava o aparecimento de outras famílias, principalmente àquelas com importantes ou pequenos parentescos.

Antigamente era comum que aldeamentos, arraiais e povoados surgissem a partir da construção de capelas, em torno da qual eram com o tempo erguidos um cemitério, uma cadeia e os comércios, dando origem a uma comunidade de povos que, aos poucos, se desenvolvia e, portanto, demandavam a transformação deste espaço em vilas e cidades [...].¹⁰

A formação da cidade de Tupaciguara deu-se em 1841 quando um casal de fazendeiros, Manoel Pereira da Silva e Maria Teixeira, naturais do estado de Goiás, chegaram à região localizada nos entremeios do Rio Paranaíba. A localização privilegiada e a abundância em água fizeram com que residissem nas novas terras mineiras. Por ser devota de Nossa Senhora da Abadia, Maria Teixeira mandou construir uma rústica capela, coberta por telhas e folhas de buritis, em honra e louvor à santa. Nota-se, aqui, que a religiosidade, em meados do século XIX, influenciava fortemente a sociedade brasileira, através dos dogmas católicos que transformaram o Brasil em um dos maiores países com tal crença religiosa.

⁹ Esta região era habitada por várias tribos indígenas, principalmente, a Nação Caiapó do Sul, auto denominada de Panará.

¹⁰ **Revista Impacto** – Ano 2, No. 5. Tupaciguara, Maio Junho de 2000. Edição especial.

Aos poucos, novos moradores de outras regiões do país se alojaram e, foram sendo erguidos, ao redor da capela, alguns ranchos ainda simples, construídos à base de pau a pique e folhas de buriti, pelos quais foi formado um pequeno arraial, denominado Arraial da Abadia, em homenagem à capela, com uma pequena população que sobreviveu, desde o início, das atividades agropastoris empenhadas na região de suas fazendas. Após inúmeras substituições de nomes da localidade, outras transformações foram ocorrendo e o referido distrito, com o passar dos anos, adquiriu novas conquistas e teceu sua história. Uma destas conquistas foi a criação da paróquia de Nossa Senhora da Abadia¹¹, ocorrida em 1958 e vinculada, na época, ao Bispado de Goiás.

Percebemos aqui que a formação da cidade de Tupaciguara deu-se por intermédio de fazendeiros que, através da fé católica, ergueram o arraial que futuramente se tornou cidade. Este modo de povoamento foi comum no século XIX em várias regiões do Brasil, onde famílias se assentavam em determinadas regiões, após a construção de um templo religioso católico.

O Estado Imperial brasileiro preocupava-se em assentar famílias em áreas carentes de ocupação efetiva, lembrando que, algumas partes do país já eram habitadas por indígenas. Após o fim iminente da instituição escravista, esta idéia ganha ainda mais força e novas famílias, incluindo um grande número de imigrantes, se fixaram em áreas inabitadas no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Espírito Santo, São Paulo e Minas Gerais.

As primeiras famílias assentadas no referido povoado do triângulo mineiro empenharam-se na busca de organização daquele espaço. Tornando-se Distrito, nomeado de Abadia do Bom Sucesso (elevado à categoria de Freguesia pelo reconhecimento ao aspecto eclesiástico), pertencendo, então, ao Município de Monte Alegre. Houve outras conquistas significativas, ainda no século XIX, como a construção da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Abadia – empenhada entre 1861 e 1862. Ainda no final do séc. XIX dá-se a formação da primeira banda de música e a construção do segundo cemitério em 1900. A primeira farmácia veio a ser erguida somente em 1910 – de propriedade do Major José Teixeira de Sant’ana. E, no ano de 1911, alguns estabelecimentos comerciais, já podiam

¹¹ A referida paróquia, ainda rememorada pelos moradores do atual município de Tupaciguara por pertencer à história desta cidade, teve como primeiro vigário o Padre José da Silva Camargo, que recebeu a provisão e a posse no ano de 1859 e exerceu o ministério até 1870, ano em que foi legitimada através da Portaria de 13/12/1870, a criação de tal paróquia.

ser considerados significativos para o referido distrito. É importante ressaltar que, o comércio atendia somente as necessidades básicas da população local, demonstrando a simplicidade e a carência de produtos no período.

Sob a intenção apenas de aproximar a realidade do Distrito de Abadia do Bom Sucesso, até o ano de 1911, antes de elevar-se à categoria de município, um quadro histórico, contendo alguns progressos desde a fundação do Arraial da Abadia, pode ser elaborado, de modo a amparar a transformação urbana da atual Tupaciguara.

Inicialmente, até 1911, as habitações contavam em número de 148, incluindo os ranchos feitos exclusivamente de palha ou capim (materiais encontrados em abundância no então Distrito de Abadia do Bom Sucesso) presentes desde sua formação. Estas construções eram feitas em estilo semi-colonial, com esteios de aroeira e paredes de pau a pique.¹²

O comércio do distrito, moldado somente às pequenas necessidades da população, dispunha de algumas lojas destinadas a produtos agropecuários, outros comercializavam produtos alimentícios e lojas que abasteciam os mascates, os quais peregrinavam de fazenda em fazenda, vendendo seus produtos. Em meados da década de 1910 o comércio se apresentava insuficiente onde somente se vendia objetos domésticos, alimentos e vestes necessários no dia a dia da pacata cidade. Artigos de luxo e móveis de melhor qualidade só eram encontrados em cidades vizinhas. Somente na década de 1920 que esse comércio iniciou novos hábitos e transformações através das influências comerciais dos imigrantes que fixaram moradia em Tupaciguara.

O policiamento, era feito nessa época pelos próprios moradores do distrito, independia ainda de funcionários oficiais, mas eram bastante criteriosos com aqueles que transgredissem a ordem social ou praticassem atos de desrespeito com os moradores.

Além disso, Abadia do Bom Sucesso possuía vários currais para tropas ou criação de gado leiteiro¹³, o que demonstra a tradição pecuarista, ainda que pouco desenvolvida até

¹² Estas informações foram adquiridas através de um memorial de autoria de Longino Teixeira, antigo morador de Tupaciguara, que, a convite da Prefeitura Municipal, elaborou “Apontamentos a respeito da sua história”, em comemoração aos 50 anos deste município, no ano de 1962.

¹³ Neste contexto, vale destacar um tipo de trabalhador muito comum, conforme ressaltam as tradições da cidade, chamados *comissionários*. Estes eram chefes ou donos de comitivas ou tropas de gado, responsáveis pelo transporte ou TOCADA de gado “vacum”, entre a fazenda e o abatedouro, ou, ainda, entre as regiões. Este transporte era feito sob o lombo de animais que também levavam materiais de consumo durante a travessia, quase sempre, em malas de couro cru denominado “bruacas”.

a época em questão, deste município. Somadas às atividades de pecuária, a agricultura, já no início do século XX, era bastante praticada, sendo ainda uma das mais produtivas da região, em virtude dos solos férteis de que dispunham as terras tupaciguarenses.

Por estas demonstrações de pequenas mudanças no cotidiano do distrito e pelo desejo dos abadienses de ter seu próprio governo, fez-se necessário a elevação de sua categoria à Município. Tal feito aconteceu através da lei Estadual no. 556, de 30/08/1911, que declarou elevado à categoria de Município o Distrito de Abadia do Bom Sucesso, que manteve o mesmo nome, conforme os termos do então presidente do Estado de Minas Gerais, Júlio Bueno Brandão, a quem se deve este benefício. Apesar de criado em 1911, a instalação deste novo município mineiro só ocorreu no ano seguinte, quando houve a posse da primeira Câmara Municipal, eleita por sufrágio popular em 31 de março de 1912.

Somente na década de 1920 que houve significativas transformações nos recortes urbanos do município, bem como o surgimento de um comércio voltado para o campo e para os primeiros bens de consumo duráveis, que vinham exclusivamente da cidade de Uberlândia em lombo de animais. A criação de escolas, de ruas pavimentadas com pedra basalto fez-se necessário a partir do crescimento urbano. A criação de um posto de saúde somente aconteceu na década de 1940 e, anterior a seu funcionamento, havia o atendimento residencial de alguns médicos. Muitas das vezes, o atendimento, principalmente na zona Rural, poderia demorar dias. Através de relatos orais, foi possível encontrar vestígios de dois médicos que, na década de 1910, residiam em outras cidades, mas atendiam pacientes em Tupaciguara.

As ruas respeitavam o contorno natural do córrego poções que margeavam a cidade onde se destaca a atual Rua Camilo Abdulmassih, conhecida como “Rua do Contorno”. Não existia planejamento para a criação destas ruas. Elas iam surgindo conforme surgiam as construções de residências. Assim se formaram as ruas do bairro centro da cidade de Tupaciguara. Somente na década de 1950 é que houve projetos urbanísticos que proporcionaram a construção de novas ruas da cidade, com canteiros centrais e vias de mão dupla. Nos dias atuais, as ruas dos novos bairros, exceto do Bairro Morada Nova, possuem o mesmo estilo urbanístico da década de 1950. Por meio dos canteiros centrais, Tupaciguara conta com vias muito bem arborizadas, principalmente, as aquelas com canteiros centrais.

Nas décadas em destaque, com as mudanças urbanas e sociais, onde o adquirir tornou-se sinônimo de status, nasce uma das características da sociedade capitalista: as divisões de classes sociais ocasionadas através do patrimônio material. É importante ressaltar que, neste espaço comum, que é as cidades, constroem-se coletivamente fronteiras simbólicas, seja em nível cultural, seja em nível econômico e social.

Como cita Rui Guilherme Granziera, no artigo O Brasil depois da Grande Guerra, a respeito das mudanças nas cidades após a I Guerra Mundial,

Os serviços públicos multiplicaram-se, mas nas cidades, dificilmente chegando ao mundo rural; a política parece ser reservada aos profissionais liberais e aos militares, que são urbanos, mas que o sistema eleitoral garante é a representatividade dos fazendeiros; a arte e o moderno insuflados da Europa também têm seu lugar na cidade – tangidos pelos filhos dos ricos proprietários rurais –, mas a sociedade agrária é fechada e patrimonialista, aparentemente intangível por esse tipo de movimento.¹⁴

Nota-se que, em típicas sociedades agrárias onde ocorreu o desenvolvimento industrial ou tecnológico, houve a necessidade de adequação ou resistência a estas novas influências. A vida das populações urbanas neste período é fortemente atingida, mas o próprio sistema luta para sua sustentação, e foi o que ocorreu no Brasil até 1930: uma indústria relativamente desenvolvida em um país ainda fortemente influenciado pelos costumes agrários. São as novas técnicas e mecanismos de acumulação contrapondo-se a um sistema em evidente descrédito.

Por este viés, é notório que, através desta contradição social entre o moderno e o antigo, houve no Brasil, na década de 1920, uma grande aglomeração populacional nas cidades, acarretando sérios problemas urbanos. Um país tipicamente agrário, onde grande parte de sua população habita as zonas rurais, são atraídos pelo desenvolvimento industrial, e acabam deparando-se com cidades ainda em adequação. No caso da cidade de Tupaciguara, esse movimento populacional do campo para a cidade, deu-se à medida que o comércio foi-se desenvolvendo e, principalmente, através dos novos meios de vida em sociedade, desconhecidos ao homem do campo. A vida na cidade trouxe um novo aspecto social: o urbano como a forma de vida moderna contra o rural, considerado ultrapassado.

¹⁴ GRANZIERA. Rui Guilherme. O Brasil depois da Grande Guerra. In: COSTA, Wilma Peres de; LORENZO, Helena Carvalho de. (Org). **A década de 1920 e as origens do mundo moderno**. São Paulo: Editora da UNESP/Prisma, 1997, p. 136.

Com esses atrativos, surgem graves problemas de habitação, saúde e higiene e novas formulações políticas para sanar tais problemas. Como cita Rui Guilherme Granziera, “a sociedade hegemonicamente agrária faz do desenvolvimento urbano a sua janela para o exterior, a janela que recepcionará o moderno”.¹⁵ Assim, a contradição faz surgir nas cidades um estágio de urbanização, uma necessidade de se adequar para recepcionar a modernidade tornando-se assim exemplo de desenvolvimento.

O período pós-guerra fez surgir um novo cenário econômico mundial onde a Europa, arrasada pela guerra de 1918, preocupava-se em se reconstruir internamente, limitando assim seu crescimento industrial. Houve um deslocamento dos ideais econômicos, que se localizava na Europa, para os demais países do Ocidente. Essas mudanças atraíram a atenção do capital financeiro que iniciou grandes investimentos no que viriam a se tornar alicerces da economia americana: a indústria automobilística e química. Iniciam-se, então, novas formulações econômicas e surgem novos olhares para as Américas do norte e do sul. As antigas colônias européias, denominadas por seus conquistadores de “novo mundo” tornaram-se, no século XX, campo fértil para as idéias industrialistas nascidas no continente europeu.

No Brasil, mesmo com o início da política da defesa do café que se encontrava em crise e que gerou graves tensões sociais nas cidades, inclusive com redução dos investimentos industriais, houve a persistência nas transformações urbanas, principalmente influenciadas pelos padrões urbanísticos europeus. A eletrificação urbana e a modernização do transporte eram “carros chefe” das transformações embasadas nos moldes europeus. Como cita Rui Guilherme Granziera,

[...], o moderno já estava instalado. Não tanto pelo domínio, porém crescente, mundo urbano brasileiro, mas sobretudo pelas novas leis do capital industrial ditadas a partir dos Estados Unidos, que serão tanto mais revolucionárias quanto mais mergulhadas no total desconhecimento de então. As novas leis dos negócios industriais começam a se fazer presentes, e ainda que nebulosas, numa economia com tanta herança colonial quanto a brasileira, farão tantas vítimas quanto necessário for para sua reconhecida e definitiva instalação.¹⁶ (destaques nossos)

¹⁵ GRANZIERA. Rui Guilherme. O Brasil depois da Grande Guerra. In: COSTA, Wilma Peres de; LORENZO, Helena Carvalho de. (Org). **A década de 1920 e as origens do mundo moderno**. São Paulo: Editora da UNESP/Prisma, 1997, p. 137.

¹⁶ Idem., p.142.

Na cidade de Tupaciguara, essas novas tecnologias, aprimoramentos comerciais, urbanos, arquitetônicos e culturais acentuaram-se com a chegada de imigrantes que encontraram, na cidade, um campo propício para suas ações comerciais. Muitos descendentes afirmam ainda a gratidão a seus pais por terem se instalado em uma “terra boa” e hospitaleira. Faz-se necessário citar a família de libaneses Abdulmassih, que investiram na radiodifusão e no cinema local, modificando a realidade da pacata cidade.

Houve na década de 1920 um grande avanço nos meios de comunicação, onde o cinema se apresentava, desde o final do século XIX, como a bandeira do desenvolvimento da comunicação e do entretenimento. A implantação destas novidades, como o cinema, o rádio, o telefone, os transportes urbanos, a iluminação pública, dependia exclusivamente de uma boa geração e distribuição de energia elétrica.

No início dos anos de 1910, o Brasil parecia distanciar-se do mundo moderno por não estar preparado para receber essas tecnologias e por estar intimamente ligado ao campo. Somente na década de 1920 foi que houve um grande processo de urbanização e industrialização em várias partes do país, pelo incremento às fontes de energia elétrica importantes para o sistema que estava em plena ascensão.

A década de 1920 foi um marco nesse processo de disseminação do uso de energia elétrica na modernização da vida cotidiana e no desenvolvimento da indústria nascente. Houve uma intensa expansão da infra-estrutura e ampliação de serviços, criando espaço para um novo mercado de trabalho e de consumo. Pode-se perceber, assim, que a energia elétrica significou uma das “bandeiras” da modernidade por ter introduzido, na vida cotidiana, um novo estilo de vida urbano e moderno que se enraizava.

Portanto, a entrada do Brasil na “era moderna” fez parte de um processo complexo em que se apresentam inúmeras contradições. Nas primeiras décadas do século XX, houve o aceleração da industrialização, da urbanização, do crescimento de uma classe trabalhadora mais consciente de seus direitos e de um empresariado aspirante a uma maior lucratividade. Em outra instância, permaneceu uma tradição colonialista, os latifúndios, o sistema oligárquico e o desenvolvimento intenso e desigual das regiões. Essa expansão dos centros urbanos, o desligamento gradativo do meio rural, modificou os valores da cultura cotidiana e os próprios padrões das comunicações sociais, influenciando, não só os grandes centros urbanos, como também as pequenas cidades, como é o caso de Tupaciguara.

A VIDA ATRAVÉS DE ONDAS E IMAGENS: OS PRIMÓDIOS DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA CIDADE DE TUPACIGUARA

As transformações tecnológicas ocorridas em meados do século XIX e início do século XX foram responsáveis por criar novas relações entre os seres humanos, de variados locais do planeta. Esse processo de descobrir e “desvendar” o meio natural, presente desde os primeiros hominídeos, fez com que o homem, ao transformar a natureza em busca de invenções que facilitassem o dia a dia, produzisse cultura. O aprimoramento das técnicas científicas e tecnológicas, levou o homem do século XX a quebrar barreiras e a se comunicar com qualquer sociedade do planeta.

Na obra de Laura Antunes Maciel, *A nação por um fio: Caminhos, práticas e imagens da comissão Rondon*, é evidenciado que

[...] ao apagar das luzes do século passado (XIX), o mundo assistiu a verdadeiras façanhas do engenho humano, como a invenção da locomotiva elétrica de Siemens, o automóvel de Daimler e Benz, o telefone de Graham Bell e Gray, o motor Diesel, o fonógrafo e a lâmpada incandescente de Edison, a telegrafia sem fio de Branly e o cinematógrafo de Lumière, entre tantos outros exemplos de novidades técnicas, pouco a pouco incorporadas ao dia-a-dia da população.¹⁷

A ligação entre países se dava através de navegações e com a invenção do telégrafo, em meados do século XIX, este foi apresentado ao mundo como uma invenção capaz de transportar o pensamento humano através da eletricidade. Por estes impulsos elétricos, tornava-se possível a aproximação entre nações, conseqüentemente entre culturas. Como mencionado anteriormente, a eletricidade tornou-se ícone das transformações tecnológicas mundiais. Como cita Laura Antunes Maciel, “a técnica e o ‘engenho humano’ apareciam como conquistas de toda a humanidade, valores universais que deveriam ser ‘desfrutados’, ainda que não igualmente, por todas as nações civilizadas e prósperas”.¹⁸

Com a evolução e a descoberta de novas técnicas de comunicação, o mundo tornou-se “menor”, criou-se a idéia de proximidade e encurtamento de distâncias. E com

¹⁷ MACIEL, Laura Antunes. *A nação por um fio. Caminhos e imagens da “Comissão Rondon”*. São Paulo: Editora EDUC, 1998, p 43.

¹⁸ Idem., p 45.

essa imagem de moderno, criada paralelamente ao advento destes meios de comunicação, as nações denominadas “importantes”, queriam usufruir dos benefícios que tais tecnologias poderiam fornecer, econômica e politicamente. E para isso, existia a necessidade de energia produzida por hidroelétricas, principal fonte de energia utilizada no Brasil nos primeiros anos do século XX. Essa energia, produzida através da força de impulso das águas é, até os dias atuais, a principal fonte de energia nacional, por contarmos com um grande número de rios.

A energia elétrica, como mencionado, foi precursora de grandes transformações mundiais, e chegou à cidade de Tupaciguara em 1924 com a fundação da Companhia Força e Luz Tupaciguarense. Como outras cidades do Triângulo Mineiro a cidade de Tupaciguara deu seu primeiro passo rumo à modernidade existente no período. Somente em 1925 é que houve a compra dos materiais para colocar a usina em funcionamento no dia 12 de Setembro do referido ano. Como mencionado por Longino Teixeira, em seu memorial de 1962,

A escolha inicial recaiu na cachoeira dos Costas com capacidade para 2500 HP. Infelizmente, por dificuldades financeiras intransponíveis, a Assembléia geral da Companhia optou pela cachoeira do Rio Bonito, de menor potencial, mas que se enquadrava dentro do capital Social.¹⁹

A companhia Força e Luz Tupaciguarense, em seus primeiros anos, foi administrada por Longino Teixeira, autor do memorial encomendado pela Prefeitura Municipal de Tupaciguara, que foi escrito para a comemoração do cinquentenário da cidade, em 1962. A cachoeira do Rio Bonito, mencionada pelo autor, é um dos mais belos saltos de água da região triangulina, localizada a menos de sete quilômetros do centro urbano da cidade de Tupaciguara. Este recurso natural foi utilizado durante muito tempo como fornecedor de energia hidroelétrica.

Através dos estudos elaborados por um engenheiro da companhia elétrica, Dr. Jales Machado de Siqueira, no ano de 1925, o mesmo avaliou o crescimento da cidade e afirmou que se Tupaciguara tivesse seu crescimento igual, ou um pouco maior, que outras cidades da região, a usina do Rio Bonito daria para suprir o consumo de energia durante os próximos 25 anos, portanto até 1950. Todavia, conforme Longino Teixeira, em seu

¹⁹ Estas informações foram adquiridas através de um memorial de autoria de Longino Teixeira, antigo morador de Tupaciguara, que, a convite da Prefeitura Municipal elaborou “Apontamentos a respeito da sua história”, em comemoração aos 50 anos deste município, no ano de 1962.

memorial, “ao cabo de 15 anos a capacidade de instalação da usina já era insuficiente”,²⁰ o mesmo afirma que a cidade, em 1940, havia crescido 20% mais que outras cidades da região naquele mesmo período, amparando-se nos dados do crescimento do consumo de energia elétrica.

Após este aumento do consumo, a Companhia Força e Luz Tupaciguarense não conseguiu suprir a necessidade local, sendo obrigada a servir-se de energia elétrica da companhia Prada de Eletricidade, sediada na cidade de Uberlândia. Sobre o assunto, Longino Teixeira afirma que “Com o suprimento feito pela companhia Prada de Eletricidade, a Terra da Mãe de Deus tomou novo alento e seu progresso ressurgiu com impetuosidade e num ritmo acelerado dando um sentido vertiginoso de progresso e de atualização”.²¹

Antes da implantação dos primeiros meios de comunicação, a cidade de Tupaciguara se comunicava com outras cidades ou estados somente através de informantes que, com o auxílio de animais, como o cavalo, levava informações de uma região à outra. Existiam dentro da cidade, informantes que, de prontidão, esperavam as missões de informar moradores da zona rural os recados de algum morador da cidade. Assim, com aspectos rurais, com ruas sem calçamento e iluminação pública, Tupaciguara apresentava-se como uma pequena comunidade rural, desligada das maiores cidades da região. Somente através de informantes que tal ação era possível.

Com o advento da energia, a telegrafia ganha espaço mundial. No Brasil, o benefício telegráfico só foi usufruído pelo então império, em 1852, e a principal justificativa era a de auxílio na fiscalização e repressão rápida ao contrabando de escravos. Posteriormente, na Guerra do Paraguai, o telégrafo se fez presente e necessário para ações e estratégias militares nacionais. Com dificuldades inevitáveis, a implantação em território brasileiro do telegrafo esbarrou na falta de mão de obra especializada para aprimorar e estender as redes de comunicação.

A cidade de Tupaciguara utilizou-se do sistema telegráfico durante anos, sendo um dos únicos meios de comunicação com outras cidades, antes da chegada do sistema de

²⁰ Estas informações foram adquiridas através de um memorial de autoria de Longino Teixeira, antigo morador de Tupaciguara, que, a convite da Prefeitura Municipal elaborou “Apontamentos a respeito da sua história”, em comemoração aos 50 anos deste município, no ano de 1962

²¹ Idem. A nomenclatura “Terra da Mãe de Deus” é a tradução do Nome Tupaciguara, que é de origem Tupi-Guaraní.

telefonía e da radiodifusão. Com isto, transformou-se em tecnologia indispensável no espaço social tupaciguarense por ser um dos únicos meios de comunicação local. Em entrevista oral, Bernardino Lopes de Faria, antigo morador da cidade de Tupaciguara e único telegrafista no município na década de 1940, responde sobre as formas de comunicação que Tupaciguara dispunha com as outras cidades da região antes da implantação do telefone e do rádio. Diz: “Em geral, era só por carta. O Telégrafo foi inaugurado e comunicava com Uberaba. Através de Monte Alegre que dava o CD, onde dava o ramal que falava em Ituiutaba, Capinópolis, Campina Verde, essas cidadezinhas do interior, do Triângulo Mineiro”.²²

A partir de pequeno histórico redigido de maneira didática, “Monografia do Município de Tupaciguara”, descobrimos que “Tupaciguara contava com uma agência postal telegráfica, do D.C.T. na cidade e um em Araporã”.²³ A telegrafia se fez importante na cidade de Tupaciguara, sendo um dos principais meios de comunicação com o estado de Minas Gerais e, a mesma influenciou, de forma particular, em outros meios de comunicação, como menciona Maciel;

Assim, como o rádio ajudaria a criar uma linguagem “radiofônica”, na expressão de Mário de Andrade, aproximando-se dos ouvintes, instalando-se em quase todas as casas, embalando gerações nas ondas das emissoras, o telégrafo – mais do que ser incorporado como objeto temático em si mesmo – afetou a linguagem e a narrativa da imprensa e da literatura.²⁴

Essa linguagem, criada pela comunicação telegráfica, fez surgir modificações na linguagem da imprensa e na literatura do período. Assim como o rádio, o cinema e a televisão construíram seus meios de informar, a telegrafia não só criou a sua como também influenciou outros meios de comunicação.

Outra descoberta importante do século XIX foi o registro fotográfico o qual captava imagens através de reações químicas baseadas em princípios ópticos. Essa nova

²² Entrevista concedida à Muriel Costa de Moura, no dia 22 de Agosto de 2008 na cidade de Tupaciguara-MG. Entrevistado: Bernardino Lopes de Faria, 82 anos.

²³ Retirado de um memorial intitulado de “Monografia do Município de Tupaciguara”, o qual é citada como sendo de autoria de uma antiga e conhecida professora do Município, Ólbia. O trabalho, mesmo sendo um pequeno apanhado histórico, é um dos únicos materiais encontrados sobre a história do município. Não consta a data de sua elaboração. Quando citada a cidade de Araporã, é importante lembrar que a mesma ainda era distrito de Tupaciguara.

²⁴ MACIEL, Laura Antunes. **A nação por um fio. Caminhos e imagens da “Comissão Rondon”**. São Paulo: Editora EDUC, 1998, p. 89

técnica de “guardar” o presente tornou-se uma das técnicas mais utilizadas no século seguinte por ser objetiva e apresentar-se como uma cópia fiel da realidade captada. Essa tecnologia revolucionária se espalhou pelo mundo, tendo, pelas mãos de Dom Pedro II, chegado em terras brasileiras com grandiosa influência, registrando as belezas dos trópicos.

Sem sombra de dúvidas, a fotografia deu às gerações seguintes o privilégio de observar o passado através de imagens e o poder de registrar as sociedades contemporâneas, substituindo, assim, o hábito tão comum das pinturas. Por meio das pinturas, o homem retratava acontecimentos sejam conquistas militares sejam personalidades, como reis, rainhas e nobres, como também paisagens e acontecimentos cotidianos. Através destas transformações, as relações sociais, além de registradas, modificaram-se pela inserção desta técnica revolucionária. No Brasil, onde este experimento se apresentava como ícone dos tempos modernos, tornou-se comum no cotidiano das famílias mais ricas, após a década de 1920, importante período nacional considerado o marco inicial da modernidade no país.

A partir de aprimoramentos tecnológicos sofridos durante os anos, a fotografia tornou-se uma grandiosa técnica a favor da história, por ser, não apenas uma ilustração do momento registrado, mas uma nova evidência histórica auxiliadora no estudo das relações humanas. Os registros fotográficos auxiliaram a humanidade por serem uma expressão de valores, técnicas e visões, e a comparação das relações entre a imagem e o grupo produtor da mesma pode fornecer entendimentos sobre as ações daquele determinado grupo e até mesmo seu papel na constituição de um imaginário sobre a região a que eles pertencem.

A cidade de Tupaciguara, no início do século XX, tinha relações com outras cidades somente através de “informantes”²⁵ que, utilizando animais, cortavam o Triângulo Mineiro, comercializando gado e, através dos “causos”, se informavam sobre acontecimentos políticos, econômicos e sociais do Brasil e do mundo. Por esses percursos, de cidade em cidades, os tropeiros disseminavam tais conhecimentos, tornado-se meios de

²⁵ Esses informantes eram tropeiros que, com a comercialização de animais, freqüentavam outras regiões do Estado de Minas Gerais e tinham contato com notícias nacionais e internacionais. Nessas viagens faziam questão de informar aos moradores das pequenas cidades visitadas os acontecimentos até então desconhecidos. Esse hábito foi comum em Tupaciguara até o início das transmissões telegráficas que substituíram esse hábito de informação entre municípios mineiros.

comunicação entre municípios. Em sua grande maioria, os primeiros a serem informados eram fazendeiros e políticos das pequenas comunidades.

Após o advento da telegrafia e da telefonia, as barreiras foram encurtadas e as cidades tornaram-se mais próximas. Aliás, essas tecnologias diminuíram o tempo de informação, antes extenso pela demora das grandes viagens de tropas.

Nos anos de 1920, os grandes comentários de viagens traziam o cinema como assunto principal. As imagens em preto e branco, saídas da famosa “caixa”²⁶ mágica, espantavam e encantavam a todos que tinham o primeiro contato com uma das modernidades mundiais que, timidamente, se expandia pelo país.

Podemos perceber então que o conceito de “modernidade”, nasce a cada tempo, com ímpeto, trazendo a imagem do atual que se opõe à velha ordem e, portanto, ao que é arcaico – que é a face negativa do antigo – demonstrando assim que não mais corresponde à realidade social e sua aceitação nos novos padrões estimados. Dá-se o mérito dessas mudanças à Revolução Industrial, onde o moderno identifica valores, estilos, maneiras de ser e de agir, contrapondo-se o antes da criação e o depois dela.

Outro meio de comunicação presente na cidade de Tupaciguara foi o jornal impresso. O Tupacyguarensense, como era chamado, foi o folhetim pioneiro na cidade, levando, à população, informações locais, nacionais e mundiais. Neste jornal encontravam-se receitas culinárias, poemas de poetas famosos e ações do poder público para com a cidade. De início, o jornal não contava com fotografias, somente ilustrações. Mas, com o advento fotográfico, o mesmo passou a contar com imagens da localidade. Infelizmente, não foi encontrado nenhum exemplar do referido jornal, nem nos arquivos da Prefeitura Municipal e nem em arquivos particulares.

Há hoje apenas informações orais sobre este impresso. A partir delas foi constatado que somente uma parcela da população tinha acesso a este meio de comunicação. Por estas poucas informações sobre o folhetim, faz-se necessário evidenciar que, caso sejam encontrados exemplares do referido jornal, ações certamente aparecerão e os mesmos serão imprescindíveis na elaboração de futuras pesquisas.

²⁶ Os primeiros contatos populares com a técnica cinematográfica fizeram surgir nomenclaturas, e um desses exemplos é o do projetor que passou a ser chamado de “caixa” mágica, onde alguns acreditavam que pessoas saíam de dentro dela.

O cinema fez-se presente na cidade de Tupaciguara em 1913. Antônio Mota, primeiro exator federal da cidade, construiu um pequeno cômodo rústico na atual Rua Olegário Maciel, onde, com um revolucionário projetor e uma tela feita de tecido amarelado, deu à pequena cidade o privilégio de presenciar uma das maiores e mais revolucionárias invenções do século XX. A projeção de imagens em telas tornou-se atrativo aos moradores da zona rural de Tupaciguara, que iam à cidade nos finais de semana para assistir a filmes mudos que encantavam homens e mulheres de todas as idades. Esta ainda continua sendo a “alma” do cinema: encantar o imaginário humano.

É interessante ressaltar a necessidade de uma pausa na projeção, bem no meio do filme, para que Antônio Mota borrifasse água no tecido utilizado como tela, causando o resfriamento do mesmo, pois o perigo eminente de incêndio era notório. Mesmo com funcionamento ainda rústico de um motor de explosão, nem por isso deixou de atrair a população para as sessões ansiosamente esperadas, ocorridas sempre nos finais de semana.

Com a implantação de tal tecnologia, a cidade de Tupaciguara, com suas relações tipicamente rurais, sofreu tímidas influências, porém perceptíveis. Através de relatos orais com personagens da cidade, nota-se que houve, após a chegada do cinema, mudanças nas relações sociais entre os moradores. Novos ideais são propostos, perseguidos e aceitos. Novos comportamentos surgem, e criam-se novas visões, mudando, assim, a relação do homem com a natureza, com a cidade e com os outros homens, fazendo-os avaliar as tradições existentes. Há o início do questionamento de costumes e hábitos, que não mais correspondem ao que é tido e apresentado, através do cinema, como urbano e civilizado e compatível com o progresso.

É notório que essas transformações de costumes não se definam pela palavra modernidade. Ela não aparece na fala e no discurso dos agentes locais. O significativo é outro, mas o significado guarda aproximações e identidade com o que possamos reconhecer como moderno na época. Nesse momento, podemos assegurar que o cinema, visto como moderno influenciou hábitos e costumes rurais ao apresentar a noção do que seja a nova sociedade, supostamente moderna.

Após alguns anos, aproximadamente em 1936, ganhando um número ainda maior de aficionados, o cinema de Antônio Mota foi transferido à Moacir, apelidado carinhosamente de “Peva”, que continuou a transmissão cinematográfica na cidade. Os pequenos filmes, com romances, comédias e aventuras do faroeste americano, ainda que

mudos, embalados por músicos locais, encantaram a população que ansiosamente esperava pela próxima cessão, sempre aos finais de semana, que acontecia naquele pequeno cômodo carente de espaço e conforto.

No ano de 1941, inaugura-se em Tupaciguara o imponente e importante “Cine Teatro Helena”, construído por Camilo Abdulmassih, patriarca de uma família de libaneses, que percebeu o intenso interesse populacional pelo cinema. O edifício de três pavimentos que abrigou o Cine Teatro Helena, construído no pequeno perímetro considerado como centro comercial da cidade, transformou-se no segundo edifício mais alto da cidade de Tupaciguara na década de 1930, perdendo em altura somente para a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Abadia. Além das projeções cinematográficas, eram apresentadas, no Cine Teatro Helena, peças teatrais com artistas locais e regionais, levando a população ao primeiro contato com essa arte ainda desconhecida pelos moradores.

Aas transmissões radiofônicas da cidade de Tupaciguara iniciaram-se no final da década de 1920, implantadas por José Rosa, afetuamente chamado de “Zé Rosa”. Surgiu com ele a Rádio Tupaciguara que, em seus primórdios funcionou na Rua Raul Soares e contagiou a população tupaciguarense que nunca havia tido contato com tal meio de comunicação. De início, muitos moradores da zona urbana, assustados com o som que vinha de dentro do aparelho radiofônico, pensavam na existência de alguém dentro daquela “caixa”. Com o passar dos anos, ganhou adeptos e ouvintes apaixonados pelas ondas da Rádio Tupaciguara.

Como menciona Bernardino Lopes de Faria ao relembrar de seu primeiro contato com a transmissão radiofônica;

Eee... Lembro sim. O Zé Rosa falava assim: Em ato de experiência vamos...(risos e choro) é emocionante demais. Eu ficava pensando: Tupaciguara tem Rádio! Que beleza! Eu passava nas casas e escutava o Zé Rosa falando: Em ato de experiência estamos no ar em transmissão experimental... e tecia aquela conversa de sempre. Foi lindo!²⁷

O rádio criou uma linguagem particular e repassou-a aos ouvintes, fazendo com que, em pouco tempo, a radiodifusão fosse o meio de comunicação mais utilizado por toda a população tupaciguarense em um período que se compreende entre a década de 1930 e 1940. Todo este processo culminou em uma cultura voltada à radiodifusão, onde grande

²⁷ Entrevista concedida à Muriel Costa de Moura, no dia 22 de Agosto de 2008 na cidade de Tupaciguara-MG. Entrevistado: Bernardino Lopes de Faria, 82 anos.

parte da população Tupaciguarense se informava através das ondas da Rádio Tupaciguara. Ouvia-se desde rádio-novelas, programas de violeiros, programação das missas e até mesmo as notas de falecimento.

Um dos programas mais ouvidos e importantes do período áureo do rádio nacional foi o “Repórter Esso” que, informava sobre os acontecimentos do Brasil e do Mundo.²⁸ Encabeçada pela indústria petrolífera ESSO, o programa diário tornou-se parte da família brasileira, onde em seu horário programado, lá estavam todos em torno do aparelho radiofônico a espera das notícias do dia. A Rádio Tupaciguara AM, transmitiu por longos anos o programa Repórter Esso.

Posteriormente, em 1946, a empresa Abdo Messias Netto e Irmão, encabeçada pelos filhos de Camilo Abdulmassih, proprietário do Cine Teatro Helena, Abdo e Fauze, decidiram fundar a segunda emissora de Rádio da cidade de Tupaciguara: A Rádio Tupaciguara AM - ZY H4. A mesma abrigou programas de violeiros, transmitidos ao vivo para Tupaciguara e toda região sendo um dos mais influentes meios de comunicação local.

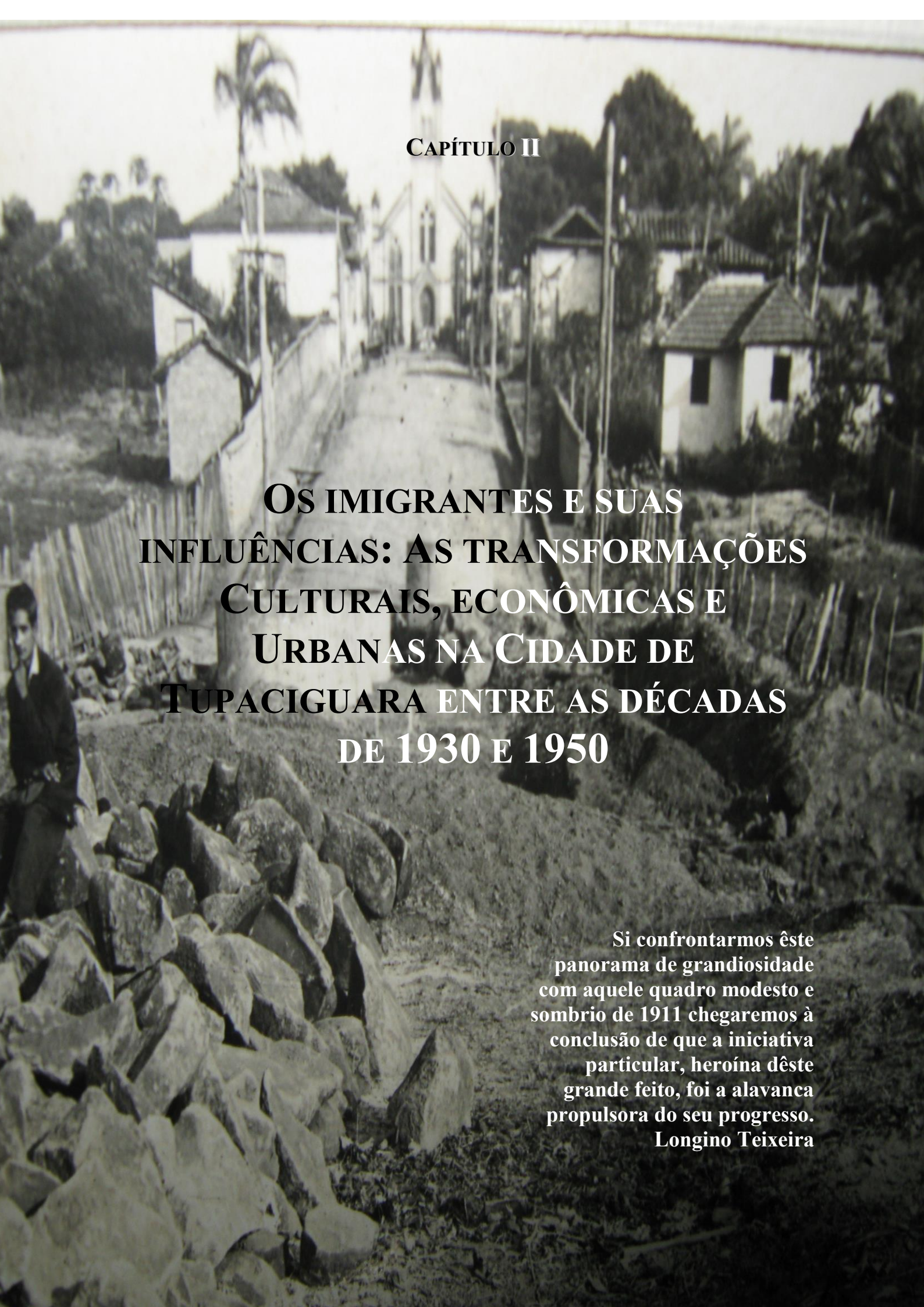
Em casas onde não se encontrava um aparelho radiofônico, aglomeravam-se parentes e vizinhos nas residências que dispunham de tal tecnologia. Isso acontecia principalmente na zona rural, onde não se encontrava com facilidade aparelhos que captavam a frequência da Rádio Tupaciguara.

Muitos moradores participavam pessoalmente dos programas no pequeno auditório da rádio que serviu de palco para inúmeras apresentações musicais desde o ano de 1946 até 2004, quando houve a transferência das instalações para outra localidade. Os programas da emissora, com uma grade bastante variada, apresentavam diariamente propagandas comerciais, musicais variados, rádio-novelas, momentos culinários, religiosos, programas de auditório e o tão conhecido Repórter Esso.

²⁸ O Repórter Esso iniciou seus trabalhos no Brasil em 28 de agosto de 1941, no período em que o país entrava na segunda Guerra Mundial, ao lado dos aliados. O programa, patrocinado pela companhia petrolífera ESSO Brasileira de Petróleo, já existia em outros países e, no referido ano, começa a fazer parte de alguns lares brasileiros. Noticiava, inicialmente, assuntos relacionados com a grande guerra e, posteriormente, dava destaque para notícias de todo o mundo. “Depois da Segunda Guerra Mundial, o Repórter Esso noticiou grandes fatos, como a Guerra da Coréia (1950), A morte de Getúlio Vargas (1954) e a Revolução Cubana (1959). Mas não informava, por exemplo, notícias da Europa, da Ásia e da África se não houvesse interesses norte-americanos envolvidos. O programa terminou suas transmissões em 31 de dezembro de 1968 com Heron Domingues narrando a abertura, e Roberto Figueiredo despedindo-se dos ouvintes bastante emocionado”. (PARANHOS, Taís. Repórter Esso: O primeiro a dar as últimas. In: **Folha de São Paulo**. 31 de Jan 2008. Disponível: <http://www.folhadeseupaulo.com/2008/01/reprter-esso-o-primeiro-dar-as-ltimas.html>. Acesso em: 13 de abril de 2009.)

Pela falta de documentação, tornou-se impossível citar os primórdios da telefonia na cidade de Tupaciguara. Muitos relataram a existência de uma central telefônica de propriedade de Paulo Badega, mas, são informações superficiais, demonstrando a necessidade de ações futuras para um maior aprofundamento e buscas de documentação sobre o assunto.

Todos os meios de comunicação existentes na cidade de Tupaciguara entre as décadas de 1920 e 1960 auxiliaram na produção e difusão de uma nova imagem de modernidade. Contribuíram na formação cultural, artística e comercial da cidade, sendo idealizados, inicialmente, por moradores locais e, posteriormente, aprimorados por imigrantes que acreditaram no potencial cultural e econômico de tais meios de comunicação. Nesse sentido, o telégrafo, o telefone, o rádio, o cinema e o teatro construíram formas particulares e distintas, linguagens próprias, disseminando-as aos moradores da cidade de Tupaciguara.

A black and white photograph of a street in Tupaciguara, Brazil. In the background, a church with a tall steeple is visible. The street is lined with houses and trees. In the foreground, a person is standing on a pile of large, dark rocks.

CAPÍTULO II

OS IMIGRANTES E SUAS INFLUÊNCIAS: AS TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS, ECONÔMICAS E URBANAS NA CIDADE DE TUPACIGUARA ENTRE AS DÉCADAS DE 1930 E 1950

Si confrontarmos êste
panorama de grandiosidade
com aquele quadro modesto e
sombrio de 1911 chegaremos à
conclusão de que a iniciativa
particular, heroína dêste
grande feito, foi a alavanca
propulsora do seu progresso.
Longino Teixeira

Houve na década de 1920, em Tupaciguara, um pequeno, porém, significativo, fluxo migratório: vieram sírio-libaneses, alemães e italianos. Ao chegarem ao Brasil, trouxeram influências européias para a pequena cidade, tais como, culturais, arquitetônicas, sociais e, principalmente, tecnológicas. Com essas influências e o já expresso desenvolvimento industrial do Brasil e do mundo, Tupaciguara modificou-se timidamente, seu aspecto urbano e a cultura consumista²⁹ chegou ao meio social.

De modo geral, as cidades brasileiras tornaram-se, nas últimas décadas do século XIX, grandes atrativos aos moradores da zona rural por aderirem ao “novo”. Surgem novas profissões tipicamente urbanas, expande-se a construção civil, há crescimento da procura de profissionais para trabalharem diretamente com serviços públicos e profissionais liberais. É importante ressaltar que a população brasileira, recém apresentada a essas transformações do sistema de aglomeração de capital, não era considerada qualificada para tais trabalhos, oferecendo assim, maiores oportunidades aos imigrantes que, por experiência prévia em seus países de origem, se adequaram aos novos moldes sociais americanos.

A população tupaciguarense, influenciada por moldes tipicamente rurais, passou a receber em pequeno número, nos primeiros anos da década de 20, famílias que moravam na zona rural. Já a cidade, com sua economia voltada para o tímido comércio, abrigaram estas famílias que mesmo residentes na zona urbana, mantiveram seus laços e negócios com o campo. Em sua grande maioria, elas construíram suas experiências profissionais voltadas para o meio rural.

Podemos notar que na década 1920, e anterior a ela, houve um aumento no número de imigrantes que, em fuga das grandes transformações demográficas e econômicas, das modificações nas relações de trabalho e na limitação do mesmo e, principalmente, por consequência dos efeitos do pós-guerra, chegaram às Américas com o sonho de “fazer a vida”. Tais aspectos são abordados por Tarcísio Rodrigues Botelho, no artigo Imigração e Família em Minas Gerais no final do século XIX, onde menciona que,

²⁹ Tupaciguara, anterior à chegada dos imigrantes, tinha um comércio voltado somente para os produtos alimentícios e, principalmente, de produtos agropecuários que supriam as necessidades do meio rural. Após o incremento comercial encabeçado pelos imigrantes, a cidade passou a contar com uma diversidade de produtos importados tais como: tecidos, pratarias, cristais, jóias, cosméticos, utensílios domésticos, eletrodomésticos, móveis requintados e vestuário de melhor qualidade. Assim, surgiram hábitos consumistas nos moradores tupaciguarenses que passaram a adquirir, não somente o necessário para a sobrevivência, mas tudo o aquilo que era oferecido no comércio. Iniciou-se uma maior preocupação para com a beleza, pela aquisição de cosméticos, jóias e diferenciados cortes de roupas ditados pela moda do período.

para se entender a imigração para o Brasil, “devemos levar em consideração a situação político-social do Brasil nos séculos XVIII e XIX, onde o país atravessava um processo de transição do trabalho escravo pra o trabalho livre”.³⁰ Portanto, o fim da instituição escravista, a grande escassez de mão de obra, a abundância de terras e a expansão do cultivo do café foram fatores importantes para o início da imigração para o Brasil.

Após a segunda metade do século XIX, é perceptível o aumento da industrialização dos países das Américas. Esse crescimento da indústria que produzia bens de consumo, só aconteceu com a aceitação populacional de tais produtos. Essa transformação nas formas de consumo procurava espelhar-se nos moldes europeus, sobretudo, de Paris e Londres e trouxeram conseqüências como: uma nova demanda social e econômica, mormente, das classes dominantes que foram as primeiras a se adequarem aos novos moldes da vida urbana. Para o atendimento desta demanda, organizavam-se empreendimentos por iniciativa de alguns pioneiros locais que implantaram uma nova infra-estrutura para a utilização e a fabricação destes bens industrializados. Pode-se então perceber o limite da contradição do mundo rural com o mundo urbano onde, nesse momento, sobressai o novo modelo social-econômico.

Nesse contexto, a imigração para Tupaciguara, em número considerado pequeno pelos documentos pesquisados, fez surgir técnicas, formas e costumes europeus, desconhecidos aos moradores da cidade do interior de Minas Gerais. Esses imigrantes deram novos aspectos ao comércio local, introduzindo ainda mais no cotidiano urbano-rural de Tupaciguara o alicerce do capitalismo: o consumo de produtos industrializados.

O que era oferecido no período pelo comércio resumia-se a produtos para a sobrevivência, tais como, produtos alimentícios e utensílios para o campo. Após o advento da indústria e o incremento ao consumo de produtos industrializados, a realidade mundial se modificou. Passou-se a consumir objetos sem uma necessidade específica, dentre vários, jóias, objetos de decoração, eletrodomésticos, tecidos refinados, cristais, pratarias, móveis de fino acabamento. Assim, houve a modificação das formas mundiais de consumo e grande parte destes objetos era adquirida por “status” social que o mesmo proporcionava, diferentemente, dos que eram comercializados para o consumo de sobrevivência.

³⁰ BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. Imigração e família em Minas Gerais no final do século XIX. **Revista Brasileira de História**, Vol. 27, n. 54, p. 26, Dez. 2007. São Paulo.

Em Tupaciguara, alguns imigrantes, como os sírio-libaneses, precursores da modernidade tecnológica no município, investiram e implantaram uma nova infra-estrutura para o funcionamento de alguns meios modernos de comunicação e influenciaram o comércio local que vislumbrou objetos nunca antes vistos de perto. Em uma cidade com aspectos rurais, sem pavimentação nas ruas no final da década de 1920, estes imigrantes, comumente nomeados pela população local de “turcos”,³¹ inovaram em vários aspectos, como tecnológicos, arquitetônicos, culturais e econômicos.

OS IMIGRANTES E O NOVO LAR

A comumente frase “terra boa” ecoa ainda nas falas de descendentes de imigrantes que escolheram Tupaciguara como morada. Muitos destes imigrantes, vindos da Europa, ao desembarcarem no Rio de Janeiro, ganharam diferentes destinos e famílias árabes, libanesas ou sírio-libanesas, alemãs e italianas cortaram o Estado de São Paulo, se fixando em Ribeirão Preto. Após alguns meses, decidiram chegar, em pequeno número, às Minas Gerais, atravessando Uberaba e Uberlândia, chegando à cidade de Tupaciguara.

É notório que, desde a fundação da cidade, existiram “colônias” de estrangeiros que se fixaram na cidade e trouxeram consigo uma grande bagagem cultural de seus países de origem. Entretanto, foi após a década de 1910, que houve um aumento significativo no número de imigrantes em direção à Tupaciguara. Deparando-se com aspectos tipicamente rurais, os costumes destes imigrantes se destacavam diante de uma sociedade que, no início, os acolheu com admiração e curiosidade. Mesmo que não haja fontes sobre os principais motivos que levaram esses imigrantes a fixar morada em Tupaciguara, seus feitos foram de suma importância para as transformações no município e cabe aqui salientá-las.

Esse fluxo migratório para Tupaciguara deu-se em meados da década de 1910, onde pequenas famílias se assentavam em casas alugadas. Sua linguagem, trejeitos e sotaques chamaram a atenção dos moradores. Todos os seus costumes passaram a ser

³¹ A população tupaciguarense, por uma simples nomenclatura, apelidou todas as famílias de origem Árabe, Libanesa, sírio-libanesa ou alemãs, de “turcos”. Até os dias atuais, esse costume se faz presente.

observados e, muitos deles copiados. É nesse momento que se inicia a influência imigratória na então pequena cidade mineira.

Através desta pesquisa, foi observado que muitos imigrantes fixaram morada em Tupaciguara, vieram do interior paulista, muitos deles de fazendas cafeeiras. Através das entrevistas orais, descobriu-se que os imigrantes procuravam um local onde pudessem “construir a vida”. A cidade pareceu-lhes uma boa opção. Ao desembarcarem em solo tupaciguarense, estes imigrantes foram recebidos com estranheza pela população que, logo transformou a estranheza em curiosidade. Eles queriam conhecer as novas atrações do município. As pessoas que “falava enrolado”, como antigos moradores citavam, cativaram aos poucos os cidadãos, construindo, assim, um ciclo de amizades, principalmente, por seus investimentos no ramo comercial de Tupaciguara.

Como mencionado, no capítulo anterior, Tupaciguara dispunha de uma economia e economia voltadas para o campo, onde grande parte de seus moradores sobrevivia do que lá era produzido, o excedente era vendido nas “vendas” e feiras urbanas. O meio rural, como base do sistema econômico local, transformou-se com a chegada dos primeiros imigrantes que, em seus países de origem, tiveram contato com a comercialização de produtos manufaturados e industrializados, principalmente bens de consumo nunca antes encontrados em Tupaciguara. Dispunham também de experiências e técnicas agrícolas desconhecidas aos produtores locais.

Além destes costumes, os imigrantes haviam presenciado as transformações arquitetônicas mundiais, tais como o estilo criado pela indústria automobilística norte americana, que foi a Art Déco. Esse novo estilo arquitetônico, inspirado na aerodinâmica dos automóveis americanos, foi introduzido na cidade de Tupaciguara pelos imigrantes sírio-libaneses, que se depararam com uma cidade repleta de casarios e barracos em estilo colonial, já considerados ultrapassados para as décadas de 1920 e 1930. Ao implantarem esse estilo de arquitetura nas fachadas de seus cômodos comerciais e residências, inspiraram outros moradores que, ao vislumbrar belas curvas arquitetônicas dos edifícios considerados modernos, notaram que essa modernidade, encabeçada pelos países estrangeiros, adjetivados como desenvolvidos, se expressava através do arrojo da arquitetura trazida pelos imigrantes.

Em seu Livro Tupaciguara para principiantes, Dennis Kent cita inúmeras famílias, dentre elas, a mais numerosa de sírio-libaneses, que escolheram a cidade de Tupaciguara

como morada e construíram novas relações sociais, as quais lhes renderam a admiração popular e o prestígio comercial.

Ninguém esquece do caráter íntegro do Sr. Abdala; nem da camaradagem do Tio Inácio; nem do cavalheirismo do Sr. Jamil; nem da onestidade do Chico Turco; nem da alegria genuína do Jorge Bedran; nem da prosa boa do Elias Abrão (era proprietário da Boa Prosa); nem da capacidade empresarial do Sr. Camilo Abdulmassih; nem da longanimidade do João Nicolau; nem da religiosidade do Sr. Cecílio Abrão; nem da ponderação do Sr. Labib ou da urbanidade do Sr. Abílio Zarur.³²

Depois da mais numerosa, a Colônia de libaneses segue, em número de imigrantes, a colônia italiana, composta pelas famílias Guardieiro, Giroldo, Pinzotti, Sabino, Rossi, Nomellini, Zumpano, Buzzo, Girasole, etc. Já a colônia alemã, cabe aqui ressaltar as famílias Feldner, Boel, Wener, Moeller, Krebs que também contribuíram para o desenvolvimento cultural, econômico e social tupaciguarense. Cada família, inicialmente, se adequou aos moldes interioranos e rurais para, posteriormente, iniciar o processo de transformação econômica de seu meio social.

Os libaneses, carinhosamente nomeados pelos antigos e atuais moradores de Tupaciguara de “Turcos”, destacaram-se no comércio urbano de objetos industrializados, tecidos finos, chapéus, pratarias, cristais importados, aviamentos, tintas e utensílios domésticos. Este costume de ligação com o comércio é característico dos povos árabes, que iniciam este hábito da venda e compra desde a infância, tendo tais costumes repassados aos filhos.

Dentre os imigrantes árabes da cidade de Tupaciguara destacou-se pelo empreendedorismo no ramo comercial, Camilo Abdulmassih que, com a Rádio Tupaciguara-AM, o Cine Teatro Helena, a Loja “A Royal”, e os postos de combustíveis, Texaco e Esso “Royal”, tornou-se no maior e mais bem sucedido empresário local. Outro comerciante árabe conhecido na cidade de Tupaciguara era Labib que, com sua loja concorrente à de Camilo Abdulmassih, compunha o aspecto comercial de lojas de luxo de Tupaciguara. Esse comerciante, Labib, é descrito por Elan Fonseca, antigo morador da cidade de Tupaciguara, da seguinte maneira:

Tinha uma loja, lá de frente ao fórum, do Sr. Labib. Era uma loja muito “chic”, com produtos muito finos, sabe. O Sr. Labib era uma pessoa muito

³² KENT, Dennis. **Tupaciguara para Principiantes**. Uberlândia: MDComn, 2002, p.43.

evoluída, muito importante. Uma pessoa muito carismática, importantíssima para a cidade.³³

Nota-se que, o comércio passou a ser diferenciado, atingindo uma parcela mais seleta da sociedade com produtos mais sofisticados. Como mencionado por Elan Fonseca, Labib foi um comerciante-imigrante que investiu na cidade de Tupaciguara construindo um cômodo comercial ostentado por belas vitrines e uma arquitetura diferenciada para comercializar artigos de luxo, direcionada às famílias tupaciguarenses com melhores condições financeiras.

No livro, *Tupaciguara para Principiantes*, Dennis Kant afirma que alguns imigrantes alemães que vieram para a cidade de Tupaciguara enfrentaram primeiramente dificuldades nos cafezais paulistas para posteriormente optarem por terras mineiras. Esses problemas foram enfrentados pela grande maioria de imigrantes que chegaram ao país com o ideal de “fazer a vida”:

Eugen Boel, junto com sua esposa dona Elly, que contava com orgulho, ter enfrentado a vida dura nos cafezais paulistas, em seus primeiros momentos de Brasil, montaram a mais completa oficina mecânica do município de Tupaciguara.³⁴

Nota-se que, mesmo com problemas, grande parte dos imigrantes que chegaram ao Brasil não desistiu de transformar suas vidas através do trabalho e, com determinação, implantaram em sua terra escolhida, além do desejo de melhorias, os sonhos que atravessaram o Atlântico. Assim, ergueram-se do zero, os imigrantes disseminaram sua cultura por inúmeras partes do país e, em Tupaciguara, esse ato acelerou o processo de prosperidade que a cidade até então não dispunha. O autor Kant cita o prazer dos imigrantes em terras tupaciguarenses relatando que “Rudolf Wener, ‘mecânico’ de tudo, principalmente de máquinas de coser, cumprimentava todo mundo, com um sonoro “Gutem Morgem” a qualquer hora do dia e quase da noite.”³⁵

Além de árabes e alemães, Tupaciguara contou também com outras colônias, como a japonesa que, através de técnicas de horticultura, revolucionaram o setor agrícola

³³ Entrevista concedida à Muriel Costa de Moura, no dia 10 de Fevereiro de 2009 na cidade de Tupaciguara-MG, por Elan Fonseca, 71 anos.

³⁴ KENT, Dennis. *Tupaciguara para Principiantes*. Uberlândia: MDComn, 2002,p.43.

³⁵ Idem.

local por terem tido contato com tais habilidades na terra de origem. Destacamos os Nakashima, Hamaguti, Kazuo, Itto e Hassewa. Dos imigrantes portugueses, destacamos a família Pinhal. De Húngaros, temos os Sestak e, de Poloneses, os Niklaus. Todas influenciaram nos modos de vida Tupaciguara, auxiliando no desenvolvimento, transformando o comércio e a cultura local. Como cita Kent, em Tupaciguara para Principiantes, “Esses antigos estrangeiros são tupaciguarenses de coração, pois quantas vezes ouvi principalmente Sr. Abdala dizer: sou Brasileiro e me orgulho de ter o primeiro título de eleitor de Tupaciguara”.³⁶

Nota-se, portanto que, estes imigrantes que escolheram a cidade como sua morada fixaram raízes e reiniciaram suas vidas conforme os costumes brasileiros, principalmente, o costume interiorano tupaciguarenses. É importante ressaltar que, além de se acostumarem com uma cultura diferente, estes imigrantes trouxeram seus hábitos culturais, comerciais e sociais e os espalharam junto à sociedade local. Estes costumes foram muito bem recebidos e incorporados ao cotidiano local.

AS TRANSFORMAÇÕES URBANAS, CULTURAIS E ECONÔMICAS DE TUPACIGUARA

A cidade de Tupaciguara, após a década de 1920, cresceu significativamente com o advento dos meios de comunicação e com a chegada dos imigrantes que, direta e indiretamente, influenciaram e investiram em uma melhor qualidade de vida. Os costumes locais entraram em contato com as novas culturas e técnicas trazidas pelos estrangeiros e o meio social urbano modificou-se através de ações voltadas para o bem estar social e econômico.

Aderir-se à modernidade, nesse momento, seria lutar pelo progresso, pela higiene de um modo geral, por uma repaginação urbana e arquitetônica, pela melhoria dos sistemas básicos que regem uma sociedade, caminhando, juntamente, com os ditames Europeus e Norte-Americanos. Conseqüentemente abandonando costumes que tornaram-se antiquados, cujas raízes eram coloniais. Esse processo modificou o espaço de Tupaciguara,

³⁶ KENT, Dennis. **Tupaciguara para Principiantes**. Uberlândia: MDCmn, 2002, p.43

tornando as ruas mais claras pela recém chegada eletricidade, criando uma noção de lazer através de espaços urbanos como praças e jardins. Deu, ainda, a oportunidade, através do investimento dos imigrantes nos meios de comunicação, de os moradores tupaciguarenses poderem admirar a cultura humana mundial por meio de sons e imagens.

O crescimento urbano se acentuou em meados da década de 1920 com o incremento às projeções cinematográficas que foram consideradas pioneiras em Tupaciguara, como invenção da era moderna. Muitas famílias se deslocaram do meio rural para o perímetro urbano pelo fascínio à sétima arte. Isso ocasionou uma vontade coletiva da população de que afinal a cidade cresceria rumo à modernidade, em um ritmo diferente, bem mais veloz do que aquilo que vai à sua volta. Nesse sentido, nota-se que, as inovações tecnológicas e científicas que chegam à cidade são demonstradas e, posteriormente, incorporadas ao seu dia-a-dia, transformando-se de forma decisiva, a partir da década de 1930, na conscientização e viabilização deste processo.

Apreende-se que é na área em que se definem os meios de comunicação e as influências dos imigrantes que se modela, neste período, na cidade de Tupaciguara, as propriedades, a cultura, o consumismo e as relações sociais de produção, as vontades e os comportamentos. Deste modo, a modernidade se expressa através das transformações urbanas, sociais, culturais e econômicas do período e se abate sobre o espaço urbano, exigindo assim uma organização para o controle social e político do mesmo.

As transformações no meio urbano de Tupaciguara não atingiram somente uma determinada classe social. Ao modificar-se, mesmo que singelamente uma parcela da sociedade, as demais também foram afetadas por tais mudanças, mas, é notório que há benefícios grandiosos a quem detém os meios de produção e, principalmente, aos que gozam do poder político e econômico.

Além da influência de imigrantes, Tupaciguara contava com moradores, nascidos na cidade, que despertaram também para a modernidade. Foram muitos os que, espelhados os imigrantes, passaram a ver o mundo com outros olhos. Perceberam que o mundo estava em um grande processo onde, somente através de suas próprias ações, as mudanças ocorreriam. Surgiram, assim, famílias que, como os imigrantes, passaram a investir na cidade, com cômodos de comércio ou residências mais luxuosas.

Portanto, faz-se aqui necessário salientar que, não somente os imigrantes auxiliaram nestas transformações, tanto que eram em um número bem menor que dos

nativos da região. Os filhos de Tupaciguara têm uma grande parcela nestas mudanças, pois eles aceitaram o novo, aderiram ao moderno, juntamente com os estrangeiros.

Esse período de modernidade e crescimento vivenciado por antigos moradores de Tupaciguara apresenta-se pelas construções do centro comercial da cidade, pulsante entre as décadas de 1930 e 1960. É válido ressaltar que até os dias atuais encontram-se na cidade, mas com a aparência lastimável. Atualmente, a não utilização dos prédios, o abandono e a falta de zelo não nos remetem literalmente ao período áureo do comércio e da cultura local, mas, sob olhar atento, nos mostra, através de linhas arquitetônicas, o arrojo e a ousadia de alguns comerciantes empreendedores. Como diria Beatriz Sarlo, em sua obra, *Tempo passado: Cultura da memória e guinada Subjetiva*, “A memória, como se disse, coloniza o passado e o organiza na base das concepções e emoções do presente.”³⁷

Os cômodos comerciais de Tupaciguara, localizados em sua grande maioria na Rua Coronel Joaquim Mendes de Carvalho, se dispunham um do lado do outro, sempre com fachadas ricamente adornadas, grandes portais e janelas envidraçadas. Imperava as construções de estilo eclético, mas, com o passar dos anos, após a construção do Cine Teatro Helena, surgiram não só cômodos comerciais em estilo Art Dèco, mas sim belas residências com traços deste moderno estilo.

No livro *Bar Glória*, o autor Elias Luis Mamede propõe, através de suas memórias, elucidar acontecimentos do passado tupaciguarense, transmitindo ao leitor um ambiente familiar de cidade interiorana. Mostra costumes simples e ousados e uma maneira peculiar da modernização da cidade, feita por habitantes locais, sejam imigrantes sejam nascidos na localidade.

Até o ano de mil novecentos e trinta e cinco, o estilo de arquitetura da cidade obedecia a projetos dos construtores do lugar, cujas plantas, na maioria compostas de “meias-águas” sistematicamente aprovadas pela Prefeitura Municipal, teriam sido desenvolvidas por profissionais sem nenhuma formação acadêmica.³⁸

Nota-se que a cidade de Tupaciguara, até a década de 1930, não havia se despertado para as transformações e para o arrojo das construções modernas e a mão de obra local não estava preparada para os pedidos de construção de arquiteturas que exigia

³⁷ SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva** tradução de Rosa Freire d’Aguilar. São Paulo/Belo Horizonte: Companhia das Letras/UFMG, 2007, p. 29.

³⁸ MAMEDE, Elias Luis. **Bar Glória**. Uberlândia-MG: Aline Editora, 2004, p. 41.

grande habilidade, principalmente, aquelas com detalhes diferenciados. Isso acarretou aos moradores locais a necessidade de contratação de funcionários experientes vindos de outras cidades para a execução de tais trabalhos. Surge, neste momento, o gosto pelas construções com traços neoclássicos, ecléticos, Art Déco e Modernistas, visto que grande parte das construções locais, até então, seguia características ainda coloniais.

A Família Abdulmassih apresentou à comunidade, na década de 1930, o primeiro edifício de três pavimentos da cidade e com traços em Art Déco: o edifício do Cine Teatro Helena. Impondo-se como primeiro edifício residencial e comercial do município, demonstrou abertamente aos moradores locais, o ideal do patriarca da família Abdulmassih. “Camilinho” ou “Camilo Turco”, como era carinhosamente chamado, desempenhou um papel fundamental na cidade de Tupaciguara por introduzir um dos fatores propulsores ao progresso local, dificilmente encontrado nos moradores: a ousadia.

De início, através de relatos orais, nota-se uma primeira impressão de estranheza e apatia às curvas características da arquitetura Déco do Cine Teatro Helena. A imponência do edifício fez surgir, posteriormente, nos moradores, um espírito desafiador, incentivando-os a aderir ao novo, mesmo com a desaprovação de alguns. Esse mérito relatado pelos moradores antigos demonstra que a iniciativa de tal transformação cultural surgiu pelas mãos de um imigrante árabe.

A construção do prédio teve o auxílio de engenheiros que vieram exclusivamente de Uberlândia e Ribeirão Preto, onde grande parte do material utilizado foi adquirido em outras cidades, vindos em sua grande maioria em lombo de animais, como relata, ainda, Elias Mamede:

Para sensibilizar o mercado com novos espaços arquitetônicos, vieram de Uberlândia, a princípio o construtor Silvio Rugani e João Bragança, seguidos por Lourenço Nomelini. Estes estetas traziam do interior de São Paulo, notadamente de Ribeirão Preto, ainda florescente ante o poderio e ostentação dos barões do café o estilo neoclássico empregado em profusão naquelas localidades. [...] a fim de projetar plantas modernas, orientar construtores e pedreiros “meia-colher” da cidade, na edificação de uma dúzia de imóveis, não mais, destinados a residências.³⁹

O estilo “moderno” que nesse momento deixa para trás o “antigo” estilo colonial trouxe às construções de residência e cômodos comerciais de Tupaciguara o costume de

³⁹ MAMEDE, Elias Luis. **Bar Glória**. Uberlândia-MG: Aline Editora, 2004, p. 41.

projetar ambientes em prol do benefício humano. As casas eram divididas em sala, cozinha, quartos e um grande quintal, atendendo às simples necessidades domésticas do período. Os cômodos dispunham de grandes janelas de madeira, um grande pé-direito,⁴⁰ assoalho no chão e banheiros que dispunham de água aquecida por serpentina.⁴¹ Não era comum encontrar residências com vidros que iluminavam seu interior, demonstrando assim, construções bem rústicas que atendiam as necessidades básicas dos moradores.

O estilo moderno das construções frisava o bem estar social, garantindo um conforto maior a seus ocupantes. Iniciou-se o costume de construções com grandes superfícies envidraçadas, a utilização do aço em portas e janelas, grandes portais, fachadas ricamente adornadas e espaços amplos e arejados. Os assoalhos de madeira foram substituídos por ladrilhos hidráulicos, coloridos, com motivos florais ou geométricos.

Essas transformações no estilo de construção de residências e cômodos comerciais atendiam às influências arquitetônicas nacionais que visava um maior conforto das residências, bem como um melhor acabamento de detalhes. Muitas ainda são as residências e cômodos comerciais que permanecem no centro histórico do município com características originais que nos remetem ao tempo áureo de seus traçados arquitetônicos modernos.

Há uma grande fomentação no comércio local com a abertura de lojas, muitas delas administradas por imigrantes, que trouxeram à localidade a oportunidade de adquirir bens manufaturados ou industrializados, nunca antes visto em Tupaciguara. Pequenas lojas de materiais de construção, que supriam timidamente a necessidade dos construtores, tiveram que se adequar às novas exigências arquitetônicas do período, completando seus estoques com uma grande variedade de materiais.

Pode-se perceber que a cidade de Tupaciguara acompanhou as grandes mudanças econômicas, sociais e políticas que ocorreram nacionalmente nas décadas de 1940 e 1950, demonstrando seu ritmo local de desenvolvimento à evolução urbana que sofre no período. Mesmo tendo sua economia voltada à agricultura e pecuária, os moradores e comerciantes

⁴⁰ Pé direito é o nome dado à altura medida entre o solo e o telhado de uma construção.

⁴¹ A técnica de aquecimento chamada de “serpentina” consistia em canos de água que passavam no interior dos fornos à lenha das residências. Como estes fornos ficavam aquecidos durante todo o dia, a água, ao passar por estes canos de aço, aquecia-se, e era armazenada em um grande recipiente que distribuía o líquido aquecido para todas as torneiras da residência. Durante muito tempo foi uma das maneiras mais práticas para o aquecimento de água, pois aproveitava o calor dos fornos à lenha das residências. Com ao advento da eletricidade, tal técnica foi substituída pelo chuveiro elétrico.

souberam se aproveitar das necessidades internas colocando, à disposição de todos, mercadorias que foram apresentadas como extremamente necessárias. Pela distância entre as cidades, e o tempo gasto para adquiri-las, os moradores da zona urbana e rural passaram a confiar e acreditar no comércio local, fomentando o seu crescimento.

Nesse momento, há aceleração, ampliação e reestruturação da ocupação do espaço urbano, modernizando seus equipamentos e serviços e, em consequência, mudanças no estilo de vida da maioria de seus moradores, atraindo novos habitantes para a zona urbana. Com esse crescimento entre as décadas de 1930 e 1960, através do êxodo rural, do comércio e o incremento às tecnologias de informação como radiodifusão e cinema, a cidade expandiu-se, dando início à urbanização planejada do município.

Através do Memorial de Longino Teixeira, são perceptíveis as mudanças e aprimoramentos municipais de 1920 a 1960, que demonstram a necessidade de adequação do meio urbano para suprir o crescimento populacional, conseqüentemente, o crescimento urbano. Nesse memorial, encontram-se as datas e os acontecimentos do referido ano, tais como:

1922: É concluída a construção do Grupo Escolar por conta da municipalidade e é feita a doação do mesmo prédio ao Estado de Minas Gerais.

1923: É inaugurado o Grupo Escolar Arthur Bernardes a oito de Abril de 1923.

1923: Mudança do Nome da cidade de Abadia do Bom Sucesso para Tupaciguara.

1924: Funda-se a Companhia Força e Luz Tupaciguarense.

1925: Iniciam-se os estudos e a compra dos materiais para o funcionamento de uma usina da Companhia Força e Luz Tupaciguarense.

1925: Pela lei No. 893 de 10 de setembro de 1925 (Art 3º.) a Vila de Tupaciguara é elevada a categoria de Cidade.

1926: Em Dezembro de 1926 é inaugurada a primeira serraria movida a eletricidade e de propriedade de Coletto Prudente.

1927: Instala-se em Tupaciguara o primeiro estabelecimento bancário – “Casa Bancária Teixeira, Ferreira e Cia.” Francisco de Melo monta a primeira máquina de beneficiamento de Arroz da cidade.

1928: Longino Teixeira constrói por sua conta própria o “Asilo Geny” e fez doação à cidade de Tupaciguara destinando-o ao abrigo de pobres doentes.

1942: É inaugurada a primeira Casa de Saúde em Tupaciguara de propriedade do Dr. Odilon Jose de Siqueira e outros. Neste mesmo ano é concluído e inaugurado o novo cemitério público de Tupaciguara a 10 de outubro de 1942

1944: Inaugura-se edifício sede da Prefeitura Municipal de Tupaciguara em 1º. De julho deste mesmo ano.

1946: É inaugurado em suntuoso prédio próprio o Ginásio de Tupaciguara no dia 6 de maio de 1946.

1954: É inaugurado num belíssimo prédio próprio o Ginásio de E. S. da Conceição Imaculada a 16 de março de 1954.

1955: Inauguram-se oficialmente em 13 de Dezembro de 1955 as Obras da Nova Matriz de Tupaciguara.

1955: Inaugura-se em 28 de Outubro de 1956 o Rotary Clube.

1958: No dia 4 de maio de 1958, sob grandes regozijos da população foram inaugurados os serviços de água e esgoto, o edifício do Fórum e da cadeia Pública de Tupaciguara com a presença de autoridades governamentais e do Poder judiciário.

1959: Inaugura-se a 4 de Julho de 1959 o grupo escolar “Clertan Moreira do Vale” em homenagem ao dinâmico Prefeito.⁴²

Nota-se, nestes dados, que as transformações de Tupaciguara são guiadas pelo crescimento urbano e pelas necessidades internas, tais como: energia elétrica, escolas, saneamento básico, prédios públicos e religiosos de maior porte para atender o crescente fluxo populacional, estabelecimentos bancários, abrigos de idosos, casas de atendimento médico, cemitério, ginásios escolares e cadeia. Caso essas necessidades não fossem supridas na cidade, os moradores dispormiam de tais serviços somente nas cidades vizinhas, como Araguari e Uberlândia.

Paulatinamente, a cidade recebeu melhorias em seu aspecto urbano, como calçamento nas ruas com pedras basalto, meios-fios e emissários que despejavam todo o esgoto da cidade no córrego Poções, o qual margeia a cidade de Tupaciguara⁴³. Este crescente progresso, além das contribuições de imigrantes, deu-se proveniente da arrecadação de impostos e taxas de desenvolvimento cobradas pelo poder público e

⁴² Estas informações foram adquiridas através de um memorial de autoria do Longino Teixeira, antigo morador de Tupaciguara, que, a convite da Prefeitura Municipal elaborou “Apontamentos a respeito da sua história”, em comemoração aos 50 anos deste município, no ano de 1962. Disponível para consulta no Arquivo Público Municipal Alberto Vieira Alves, na cidade de Tupaciguara-MG.

⁴³ Até o ano de 1930, a cidade de Tupaciguara não dispunha de emissários que retiravam o esgoto do centro urbano. Grande parte das residências contava com uma “fossa”, onde fezes, urina e restos alimentares eram jogados. Com as transformações urbanas, houve a construção de pequenos canais que levavam o esgoto das residências para o córrego Poções, que margeia a cidade de Tupaciguara. Esse investimento em saneamento básico foi de grande importância para o município no referido período. Nos dias atuais, a cidade conta com uma central de tratamento de esgoto, que nunca funcionou, continuando assim o despejo de todo o esgoto do município ainda no córrego Poções.

repassado à população através de melhorias, prometendo, assim, ao comércio, um futuro esperançoso.

Essas transformações sócio-econômicas ocasionaram uma euforia nos moradores da zona rural, que transferiram suas residências para a zona urbana, contribuindo ainda mais para o esforço do poder público na melhoria dos serviços do município, conseqüentemente, de uma melhor qualidade de vida. Com isso, a construção de centros de ensino influenciou na decisão de famílias ao preocuparem-se com a educação de seus filhos. Sendo que, a educação e o “diploma” significavam ascensão social através do conhecimento. Assim, é importante salientar que o período das décadas em destaque é de grandes índices de analfabetismo e ter conhecimento através do estudo significava estar à frente, com status de superioridade. Como cita Mamede em sua obra *Bar Glória*,

Com o decorrer dos anos, as transformações sócio-econômicas que atingiu direta e indiretamente respeitáveis segmentos da comunidade, modificou hábitos, costumes e cultura. Fazendeiros foram arrastados para os âmbitos das cidades nas quais suas proles pudessem usufruir do ensino médio, iniciado pelo curso de admissão ao ginásio.⁴⁴

Outro fator importante a ser ressaltado sobre o crescimento populacional de Tupaciguara no início da década de 1940 foi o ciclo minerador. Este, através de um surto de diamantes nas margens do Rio das Velhas, fez muitos garimpeiros fixarem moradia na cidade, por ser uma das mais próximas do leito do rio, juntamente com Araguari. Muitos destes garimpeiros, nordestinos, buscavam o enriquecimento rápido através de um achado que poderia mudar-lhes a vida por completo.

Esse crescimento populacional relâmpago fez com que o comércio local se preparasse ainda mais para suprir tais necessidades, os serviços públicos foram sobrecarregados e pequenos conflitos internos com alguns furtos ocorreram. Os antigos moradores passaram a temer os garimpeiros e alegavam haver risco para suas famílias, principalmente para suas filhas. Mesmo assim, esse ciclo minerador no final da década de 1940 terminou e estes garimpeiros abandonaram a cidade de Tupaciguara, por conta das dificuldades posteriores em conseguir pedras preciosas. Outra razão foi a existência de novos ciclos mineradores em estados vizinhos.

⁴⁴ MAMEDE, Elias Luis. **Bar Glória**. Uberlândia-MG: Aline Editora, 2004, p. 57.

Todavia, durante esse período, houve modificações significativas nos moldes urbanos que, com o advento da mineração, acentuaram-se gradativamente, exigindo uma organização social para suprir as necessidades de todos estes moradores, como cita Mamede:

O comércio, até então inoperante pelas consequências da “quebra” generalizada dos comerciantes de gado zebu, que de resto, repercutiu negativamente na economia nacional, com destaque para o meio financeiro do Triângulo Mineiro, de repente tornou-se intenso e ativo em Tupaciguara. As Jardineiras que rodavam apinhadas de passageiros de natureza intermediária, passaram a conduzir outros com destino ao ponto final das linhas. [...] Conduzidos pela jardineira do Hermenogildo, buscavam a região diamantífera, trespassando-a até a reluzente cidade de Araguari. Esses pontos comerciais eram frequentados por agricultores desconfiados e garimpeiros barulhentos.⁴⁵

Estes garimpeiros contribuíram momentaneamente para as transformações urbanas do período, pois o município teve que atender e suprir a necessidade de todos estes novos moradores, fomentando o comércio, o transporte e as relações culturais e comerciais.

A Rua Coronel Joaquim Mendes entre as décadas de 1930 a 1960 tornou-se o centro comercial e de lazer da cidade de Tupaciguara. Destacou-se durante várias décadas por abrigar as melhores lojas de bens de consumo duráveis, farmácias, lojas de tecidos, materiais agropecuários, lojas de secos e molhados e o Cine Teatro Helena, principal cinema da cidade.

A vida cultural tupaciguarense apresentava-se embalada pelo rádio, cinema, teatro e os passeios no antigo “Vai-e-vem”. Os finais de semana transformavam o aspecto urbano da Rua Coronel Joaquim Mendes que recebia grande parte dos moradores da cidade e da zona rural. Estes vinham assistir aos filmes do Cine Teatro Helena que eram iniciados pelo som de “O Guarany”, composição de Carlos Gomes, e sucedida pelos tangos e canções, tais como: “Perfídia”, composição de Rabanes Los, “Percal”, letra de Homero Expósito e música de Domingo Federico e “Fascinação”, versão original em inglês de Fermo F.D. Marchetti e Maurice Dominique de Feraudy. Em português a letra é de Armando Louzada.

O início das projeções, no Cine Teatro Helena, marcou a década de 1940 e esse período é até hoje lembrado por alguns moradores do município. A ida ao cinema

⁴⁵ MAMEDE, Elias Luis. **Bar Glória**. Uberlândia-MG: Aline Editora, 2004, p. 42.

prolongava-se com os passeios empreendidos por moças e rapazes, a partir de um pequeno trecho da Rua Coronel Joaquim Mendes, compreendido desde a Farmácia São Judas Tadeu até a casa de um cidadão ilustre, Abdala José da Silva, nas proximidades do Bar Vera Cruz, onde havia um banco de madeira, muito citado pelos entrevistados, que era o ponto final e o retorno ao trajeto.

Todos os finais de semana, as moças da cidade se embelezavam e, anterior à sessão do cinema, iniciavam o passeio, sempre acompanhadas de outras moças, esperando, ansiosas, a aparição dos rapazes, que permaneciam de fora das calçadas apreciando o movimento. Esse era um dos únicos momentos de contato social entre homens e mulheres solteiros.

Criou-se, nesse período, um centro-cultural e de lazer para a sociedade tupaciguarense que presenciou o hábito comum em várias partes do mundo de freqüentar cinemas e teatros. É essa modernidade que Tupaciguara aspirou, usou e assimilou. São produtos europeus, são formas de comportamento, linguagens e hábitos, visão do universo, símbolos e padrões, educação e disciplina dos sentidos, que os moradores da cidade, presenciaram após a década de 1920, com o advento dos meios de comunicação, tal como o cinema.

Inaugurado em 1941, o Cine Teatro Helena foi considerado um dos maiores cinemas da região naquele período, com sua ante-sala composta de espelhos imponentes e um sofá vermelho em formato de “U”, dava entrada ao grande salão de projeções com suas poltronas ergonômicas e em madeira. Um grande palco ao fundo e uma tela de projeção em tecido eram as imagens principais do local. Tal construção e sua importância cultural para o município atraiu moradores da cidade e da zona rural, que vinham com toda a família assistir aos filmes norte-americanos, responsáveis pelos inúmeros comentários durante toda a semana.

Casais de namorados que se encontravam somente nos finais de semana, nas sessões do Cine Teatro Helena, andavam de um lado a outro da Rua Coronel Joaquim Mendes, antes do início do filme, sempre observados atentamente pelos olhares de seus pais, principalmente, os das mulheres. As moças que, ao passar à frente da loja “A Royal”, faziam questão de se olharem nos espelhos bisotados da loja e seguiam o passeio com outras moças, enquanto os rapazes vinham em sentido contrário ou esperavam-nas para a troca de olhares. O perímetro transformou-se no principal ponto de encontro entre as

famílias tupaciguarenses de onde inúmeras outras famílias se formaram após os namoros do antigo “Vai-e-vem”.

Entre os lançamentos nacionais e internacionais de filmes que foram levados à população entre as décadas de 1940 e 1960, Luiz Mamede em sua obra *Bar Glória* cita:

Assistiu-se aos sucessos de bilheteria, como: “E o vento levou”, “O Corcunda de Notre Dame”, “O Fantasma da Ópera”, “Rasputin”, “A Bela e a Fera”, “King Kong”, “Casablanca”, entre outros lançamentos da época, inclusive de algumas películas nacionais da categoria de: “Carnaval de fogo”, “Este mundo é um pandeiro”, “Deus lhe pague”, “Agulha no Palheiro”, “Aviso aos navegantes”, sustentadas pelos talentos de José Lewboy, Grande Otelo, Oscarito, Cil Farney, Anselmo Duarte, Emilinha Borba, Marlene, Adelaide, Chiozzo, Luiz Del fuego e outros que colocaram em frêmito tantos corações.⁴⁶

Os filmes exibidos, no Cine Teatro Helena, eram lançamentos mundiais, e seu proprietário Camilo Abdulmassih, fazia questão, segundo relatos de moradores locais, de escolhê-los pessoalmente para serem apresentados aos seus clientes.

As peças teatrais encenadas no Cine Teatro Helena, em sua grande maioria contavam com a participação de atores locais que, singelamente abrihantavam as apresentações. Pela distância dos grandes centros urbanos, havia grande dificuldade em conseguir espetáculos teatrais. Formou-se, então, em Tupaciguara, um pequeno grupo de atores amadores que tomaram frente na implantação do teatro na localidade. Pequenos espetáculos foram montados, em sua grande maioria, baseados em obras literárias famosas, dirigidas e encenadas pelos atores locais. Cabe aqui citar alguns destes participantes que sustentaram a arte teatral no município nas décadas de 1940 e 1950, apontados por Kent, em *Tupaciguara para Principiantes*, “[...] a turma do Asdrubal Araújo, Kate Boel, Terezinha do Joãozinho, a Marlene (polveira), Natal Silva, Joaquim de Andrade, Dona Odília Silva, Dona Áurea (Mãe da Maristela), a Sagamor, A. Pintaldi nos teatros no Cine Helena, [...]”.⁴⁷ Mesmo não tendo o sucesso que o cinema, as peças teatrais tupaciguarenses conseguiam um seletor público que incentivava os atores a produzirem novos espetáculos.

Neste mesmo contexto a rádio se faz presente no meio social tupaciguarense e, a Rádio Tupaciguara AM-ZYH4, após pertencer ao João Rosa, passou a funcionar sob o

⁴⁶ MAMEDE, Elias Luis. *Bar Glória*. Uberlândia-MG: Aline Editora, 2004, p. 43.

⁴⁷ KENT, Dennis. *Tupaciguara para Principiantes*. Uberlândia: MDCmn, 2002, p. 42.

comando da família Abdulmassih. Instalada no terceiro andar do Cine Teatro Helena, a Rádio Tupaciguara-AM acolheu nomes locais e regionais da música sertaneja, sendo considerada por muitos uma casa de oportunidades de sucesso. Com mais de cinquenta anos de vida e ainda em pleno funcionamento, a Rádio Tupaciguara AM contava com um pequeno auditório e palco característico de emissoras de rádio onde se apresentavam duplas sertanejas e cantores solistas.

Dentre as celebridades locais que se destacaram com o auxílio da propagação radiofônica da Rádio Tupaciguara AM, destaca-se a cantora Nalva Aguiar que, depois de se apresentar por inúmeras vezes no pequeno palco da rádio, mudou-se para São Paulo onde teve carreira de sucesso, inicialmente, fazendo parte da Jovem Guarda e, posteriormente, aderindo ao sertanejo.

As duplas caipiras se destacavam através das ondas da Rádio Tupaciguara onde os programas de auditório faziam grande sucesso entre a população urbana e rural da cidade. Era, portanto, um grande negócio para os empreendedores deste meio de comunicação. Segundo Kent as duplas sertanejas arrastavam ouvintes para as salas das residências de Tupaciguara e o auditório da Rádio sempre estava apinhado de espectadores apaixonados pelos acordes de uma viola e de seus violeiros:

Não posso deixar de falar das duplas caipiras: MiraSol e Tinhorão (filhos do Sr. Bertolino Pereira), Pedro e Nenzico, que lembravam Tião Carreiro e Pardinho não era imitação, tinham o mesmo timbre e ainda Praiano e Maria Helena, Pereira e Panamá, Dirinho e Pianinho, Nenzinho e Zé Barqueiro, Almeida e Albino e tantos outros que nos fogem à lembrança no momento.⁴⁸

Podemos notar assim que o rádio influenciou uma geração e fez surgir não só artistas locais, mas moradores que se embalaram por melodias e se apaixonaram pelas apresentações de auditório. *A posteriori*, esses cantores e cantoras passaram a se apresentar em outras rádios da região e a Rádio Tupaciguara AM tornou-se referência regional por sua grande audiência e por ser considerado um “trampolim” para o sucesso musical.

Tanto o cinema quanto o teatro e o rádio tornaram-se importantes para as mudanças culturais da sociedade tupaciguarense entre as décadas de 1920 e 1950. Todos eles propiciaram aos moradores locais novas formas de relacionamento humano, bem

⁴⁸ KENT, Dennis. **Tupaciguara para Principiantes**. Uberlândia: MDComn, 2002, p. 42.

como um grande contato com os acontecimentos nacionais e mundiais, principalmente, no que diz respeito aos meios de entretenimento existentes no período. Estes são temas imprescindíveis na elaboração desta pesquisa, pois representam marcos divisores na cultura local da cidade estudada.

Estes meios de comunicação constituem-se matéria-prima para a construção de uma memória que envolve este período da história de Tupaciguara, visíveis em depoimentos, fotografias e no filme produzido pela Prefeitura Municipal de Tupaciguara, no ano de 1960. A referida película visa apresentar a cidade em pleno processo de desenvolvimento econômico, social e cultural. Nota-se, nesse momento, que a cidade dá espaço e incentiva a modernidade, transpondo o rural, criando um “espírito” de modernidade entre os moradores.

Diante da importância antevista neste documento histórico e sua relação com este trabalho, é sobre esta produção que o terceiro capítulo se debruçará, auxiliando, assim, na compreensão do processo de modificação social-urbana da cidade de Tupaciguara.

CAPÍTULO III

METROPOL
FILMES do BRASIL
apresenta

IMAGEM CONSTRUÍDA DO
PROGRESSO E DO
DESENVOLVIMENTO: ANÁLISE DO
DOCUMENTÁRIO “TUPACIGUARA
TERRA DA MÃE DE DEUS” DE 1960

O cinema possibilita o
contar histórias diferentes por
mais que o tema seja o mesmo:
flagrar o movimento do homem
rumo à redenção. Há sempre
uma alegoria por trás da

História.
Rob Cohen



SÍNTESE
DO
PROGRESSO
INDUSTRIAL
DE TUPACIGUARA

Não é possível deixar de mencionar o impacto causado pela criação e difusão do cinema e de outros meios de comunicação que revolucionaram o mundo, transformando-se em meios de comunicação de massa no século XX. Considerado, inicialmente, como forma de entretenimento, o cinema tornou-se gradativamente objeto econômico-industrial destinado às massas e revolucionou o sistema da arte, da produção à difusão. Mas, em seus primórdios, como menciona Alcides Freire Ramos em *Cinema e História: Do filme como documento à Escritura Fílmica da História*, o cinema:

[...] na época do seu surgimento, aos olhos dos primeiros espectadores, não passava de uma espécie de meio de diversão, uma curiosidade trazida pelo desenvolvimento da técnica. No Entanto, com o passar do tempo, o cinema acabou por se transformar numa das mais importantes formas de entretenimento das massas do século XX, ampliando-se cada vez mais seu contato com o público.⁴⁹

Sendo assim, os meios de comunicação, que alcançaram seu apogeu no século XX, transformaram o mundo através de sons e imagens construindo novas relações sociais em vários países, entre eles, o Brasil. O aprimoramento da técnica demonstrou influências sobre os seres humanos e, assim, o cinema tornou-se, não só um meio de entretenimento como era visto por seus primeiros espectadores, mas uma tecnologia capaz de mostrar as ações humanas, capazes de criar e modificar costumes. Considerada como Sétima Arte, mesmo tendo o intuito de divertir as massas, o cinema ganhou força e se expandiu transpondo a barreira do entreter chegando a uma tecnologia comercial altamente lucrativa.

Somente após a década de 1960 que surgiram discussões metodológicas sobre a relação cinema-história, tendo como ponto central a questão da natureza da imagem cinematográfica. Essa revolução tecnológica e cultural proporcionada pelo cinema fez brotar debates sobre a utilização do filme como um documento histórico, e como auxiliador na elucidação de determinados acontecimentos humanos registrados pelas câmeras espalhadas por todo o planeta.

Após sua utilização, em grande escala, as câmeras cinematográficas passaram a captar a vida do homem em seu tempo, onde essas imagens passaram a ser observadas por muitos historiadores e utilizadas na elaboração de pesquisas acadêmicas. Assim, criam-se nesse momento, debates sobre a utilização destes materiais como fontes de pesquisa, sendo

⁴⁹ Ramos Alcides Freire. *Cinema e História: Do filme como documento à Escritura Fílmica da História*. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz; PATRIOTA, Rosângela. **Política, Cultura e Movimentos Sociais: contemporaneidades historiográficas**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2001, p. 7.

que as imagens podem ser criadas através de interesses particulares. Assim, a câmera cinematográfica necessita da ação do homem para funcionar e a mesma não busca a imagem sozinha, mas sim, registra aquilo que o homem por trás dela quer captar. Ainda segundo Ramos, no supracitado artigo

A principal base para a argumentação de alguns historiadores com inspiração positivista, quando tentam defender o uso do filme como documento histórico, é enfatizar o caráter objetivo do processo de obtenção das imagens cinematográficas. Para eles, o fundamental é que o aparelho de base do cinema – a câmera cinematográfica – funciona segundo um modelo mecânico que prescinde da ação humana. Não se desconhecem as possibilidades de “manipulação” e “adulteração” presentes nas diversas etapas de produção de um filme. Mas isto pode ocorrer com qualquer documento. O Cinema, por esse motivo, não se apresenta como uma exceção.⁵⁰

Nota-se que o autor enfatiza que no cinema há possibilidades da existência de adulteração ou manipulação de fatos, não somente nele, mas em qualquer outra fonte documental. Seja através da escrita de livros, seja através de jornais, revistas ou documentos públicos, pela voz de locutores de rádio ou movimentos corporais do cinema, há sempre seres humanos e ideais envolvidos na produção de uma escrita, um áudio ou uma imagem.

Mesmo analisando por este viés, o cinema torna-se hoje, aliado da história por registrar e auxiliar, como documento, na compreensão de homens e períodos. O filme como documento, tal como outros escritos, impressos, a fotografia e a oralidade, colaboram na compreensão da história da humanidade. Apesar de não ser considerada, por alguns historiadores, uma fonte confiável, o cinema tornou-se uma das principais técnicas utilizadas como fonte capaz de auxiliar em estudos acadêmicos. Por sua importância, cabe aqui a utilização de uma rica fonte cinematográfica do município de Tupaciguara.

O filme adquiriu de fato o estatuto de fonte preciosa para a compreensão dos comportamentos, das visões de mundo, dos valores, das identidades e das ideologias de uma sociedade ou de um momento histórico. Os vários tipos de registro fílmico-ficção, documentário, cine-jornal e atualidades, vistos como meio de representação da história, refletem, contudo, de forma particular, sobre esses temas. Isto significa que o filme pode

⁵⁰ RAMOS, Alcides Freire. Cinema e História: Do filme como documento à Escritura Fílmica da História. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz; PATRIOTA, Rosângela. **Política, Cultura e Movimentos Sociais: contemporaneidades historiográficas**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2001, p. 9

tornar-se um documento para a pesquisa histórica, na medida em que está articulado ao contexto histórico e social no qual foi produzido.

No auge da ação cinematográfica na cidade de Tupaciguara, que se insere e se faz importante em todo o processo de transformação urbana, cultural e econômica da cidade, a administração municipal contratou, no ano de 1960, uma equipe para registrar através de imagens, este período considerado próspero.

A utilização da câmera se fez presente no município e, por meio de seus idealizadores, houve a elaboração de um filme sobre o desenvolvimento urbano, cultural e econômico, sofrido pela cidade de Tupaciguara até a década de 1950. Nesse período existiu uma nova definição nos moldes urbanos, influenciando no surgimento de um espírito empreendedor e dinâmico nos moradores locais, demonstrando o desejo de modernização local. A cidade, influenciada pelos modernos meios de comunicação existentes e por experiências trazidas pelos imigrantes, adequou-se à modernidade e a utilizou por décadas como um ideal a ser alcançado.

No ano de 1960, a Prefeitura Municipal de Tupaciguara administrada pelo então Prefeito Palmério Araújo Costa, juntamente a alguns comerciantes locais, requisitaram a preparação de um vídeo produzido no referido ano pela Metrópole Filmes do Brasil, intitulado de “Tupaciguara Terra da Mãe de Deus”. O mesmo apresenta, através de imagens em movimento, o cotidiano da cidade, bem como costumes comerciais. Aliás, mostra aspectos sociais e culturais e ilustra, também, a arquitetura e seu aspecto urbanístico.

A equipe de produção da película é formada por Julio Antônio Soares (produtor), João Cerqueira e de seu assistente Waldir Costa Faria (fotografia), Roberto Maranhão (locução), a técnica de P. A. Toledo Soares e a realização é de João Batista Rocha. Este filme é composto por três partes, sendo que, somente a primeira se encontra à disposição da população no Arquivo Público de Tupaciguara e será a única analisada neste capítulo. As duas últimas partes do filme encontram-se, originalmente, em rolos de película, podendo somente ser exibidos em projetores próprios, inexistentes no município e o alto custo impede que a Prefeitura Municipal de Tupaciguara, na atualidade, o digitalize. Portanto, é impossível que as outras partes sejam encaixadas nesta análise fílmica.

Portanto, faz-se necessário a análise deste filme, onde o mesmo contribuirá para uma melhor compreensão sobre os acontecimentos do município de Tupaciguara e o que

levou, nos anos anteriores ao de 1960, a esse impulso de progresso e desenvolvimento. Assim, as páginas seguintes são dedicadas ao estudo desta película que é uma das únicas fontes históricas do referido período da cidade de Tupaciguara.

Faz-se necessário mencionar em relação à galeria de fotos, inserida neste capítulo, onde se encontram imagens da paisagem urbana da cidade de Tupaciguara. Algumas destas imagens foram retiradas do próprio filme produzido em 1960 e, as fotos, foram encontradas no Arquivo Público Municipal de Tupaciguara, onde se encontram uma significativa quantidade de fotografias deste período. Estas imagens utilizadas participam como complemento deste capítulo e foram captadas do filme através de ajuda tecnológica, enriquecendo ainda mais este trabalho.

A CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM PROGRESSISTA

A cidade de Tupaciguara, em 1960, encontrava-se inserida em um processo de transformações urbanas, comerciais e culturais que, ao longo das décadas anteriores, se deparou com fatores imprescindíveis para tais mudanças. Esses fatores, alguns relatados nos capítulos anteriores, tornaram a pacata cidade, tipicamente rural do final da década de 1920, em uma progressista cidade no início da década de 1960, principalmente, pelo ideal modernizador administrativo e populacional encontrado naquele período.

Como citado a busca pelo moderno se fez e se faz presente até os dias atuais, movimentado e modificando os aspectos humanos de várias sociedades. O mundo, hoje, se modifica em uma velocidade muito maior do que a quarenta e nove anos atrás. Por isso, Tupaciguara, pela busca de modernização de seus aspectos sociais, fez surgir na década de 1960 entre os moradores, um sentimento de pertencimento a uma das cidades mais prósperas do estado de Minas Gerais.

No filme, intitulado de “Tupaciguara: Terra da Mãe de Deus”⁵¹ encomendado por comerciantes locais e pela administração municipal há, em sua apresentação inicial, um

⁵¹ O nome da cidade é de origem Tupi-guarani, homenageando os primeiros habitantes indígenas que habitaram a região onde se localiza atualmente a cidade. Tupã significa Deus. Ci significa terra e guarã significa Mãe. Portanto, o significado do nome Tupaciguara é Terra da Mãe de Deus.

ênfase à importância da cidade para o estado de Minas Gerais devido ao seu momento de desenvolvimento e progresso:

“A cidade de Tupaciguara é uma das mais progressistas metrópoles mineiras da região triangulina. Forma entre as cidades que contribuem com maior renda para os cofres do Estado de Minas, reflexo do vertiginoso surto de progresso que aqui se assinala dia a dia”.⁵²

É perceptível que, no início da projeção, há uma valorização da imagem de “progressista metrópole” que vivencia na década de 1960 um “vertiginoso surto de progresso”. Assim, é notório que o filme tem um caráter valorizador do município, repassando aos espectadores em seu início, uma imagem de desenvolvimento e progresso, sendo a cidade, nesse momento, considerada uma das mais prósperas do estado de Minas Gerais e uma das maiores contribuintes, do Triângulo Mineiro, aos cofres do Estado.

Como citado nos capítulos anteriores, desde a década de 1920, a energia elétrica tornou-se “bandeira” de modernidade em todo o mundo, por ela ser a fonte de movimentação de outras tecnologias mecânicas, que incorporadas ao meio urbano-social, levaria a sociedade a um patamar mais alto, comparado àquelas ainda ligadas ao meio rural. A eletricidade torna-se a imagem do urbano que se distancia do rural considerado, neste momento, um modo de vida ultrapassado.

Tupaciguara era abastecida até a década de 1940 por energia captada pela pequena usina hidroelétrica da cachoeira do Rio Bonito, localizada no município, e pela Companhia Prada de Uberlândia. Estas duas fontes de energia não são mencionadas no filme. A película menciona apenas as novas possibilidades de produção de energia elétrica. É enfocada a cachoeira “Dos Costas” como futura fonte de energia hidroelétrica para o município [imagem 01], enfatizando que:

A cachoeira “Dos Costas”, com cento e vinte metros de altura, e situada a dezoito quilômetros da cidade, é uma atração local e promessa de futuro aproveitamento de energia hidroelétrica que contribuirá para o progresso de Tupaciguara.⁵³

⁵² Trecho retirado do filme “Tupaciguara: Terra da Mãe de Deus” produzido no ano de 1960 pela Metrópole Filmes do Brasil.

⁵³ Trecho retirado do filme “Tupaciguara: Terra da Mãe de Deus” produzido no ano de 1960 pela Metrópole Filmes do Brasil

A cachoeira “Dos Costas”, leva este nome homenageando pequenos conglomerados de casas que se formaram às margens da cachoeira e grande parte dos que ali moravam tinham o sobrenome Costa. Mesmo sendo promessa de exploração hidroelétrica, a cachoeira continua apenas como um dos principais pontos turísticos da cidade.

Repassando a imagem de uma cidade acolhedora e com futuro promissor, o filme destaca a paisagem urbana de Tupaciguara, com sua praça principal. A Praça Benedito Valadares, [foto 02 e 03] adornada com variadas espécies de plantas, principalmente, árvores da espécie Flamboyant. Com seu estilo bem “romântico”, a Praça Benedito Valadares, em meados da década de 1960, foi substituída por uma nova praça em estilo modernista, projetada pelo arquiteto João Jorge Cury. A imagem do espaço de lazer é contemplada com a imponente Igreja Matriz, inaugurada na década de 1950, em estilo gótico, substituindo a antiga igreja, em estilo colonial, demolida para a construção desta edificação. Esta nova Igreja Matriz de Nossa Senhora da Abadia [Foto 04] foi construída com recursos da paróquia e com a ajuda financeira de fiéis, que almejavam um espaço mais amplo para os cultos religiosos. Lembrando que, até a década de 1970, tal igreja era a maior construção arquitetônica do município e foi construída com o ideal de modernizar a imagem religiosa da cidade, bem como dar maior conforto aos fiéis.

Após a década de 1920, a cidade ainda contava com residências em estilo colonial [foto 05], mas, a partir de influências estrangeiras, a paisagem arquitetônica local modificou-se e grande parte dos moradores passou a construir residências, respeitando os moldes considerados modernos. Estas residências “modernas” são apresentadas no filme como marcos de desenvolvimento de seus proprietários que, ao construir residências com características modernistas, demonstravam status social e econômico perante a sociedade. Como mencionado na película, no ano de 1960, “Tupaciguara já apresenta prédios residenciais de linhas modernas, mostrando o bom gosto de seus habitantes”.⁵⁴

O estilo arquitetônico do município, substituindo o estilo colonial predominante na localidade, deparou-se com linhas arquitetônicas modernas, tais como: ecléticas, Art Dèco e modernistas [figuras 6, 7, 8, 9 e 10]. Isto modificou a paisagem local, demonstrando a ousadia e o empreendedorismo de alguns abastados moradores. Vale

⁵⁴ Trecho retirado do filme “Tupaciguara: Terra da Mãe de Deus” produzido no ano de 1960 pela Metrópole Filmes do Brasil.

lembrar que parte das residências mostradas na película pertenceu a comerciantes locais, políticos ilustres, gerentes de banco e grandes proprietários de terra. O locutor do filme evidencia “o bom gosto” destes proprietários, refletindo a imagem de modernidade, não somente da residência, mas de seus construtores.

No início das transformações no estilo arquitetônico do município, surge um sentimento de estranheza por parte de vários habitantes tupaciguarenses, acostumados a casas de projetos simples, que atendiam somente às necessidades básicas de seus moradores. Com as novas formas de construções modernas, abandonou-se o conceito que atendia as necessidades básicas, dando lugar a construções projetadas para o bem estar humano, prezando sempre o conforto. Nota-se pelas imagens que, as residências construídas no período atendem aos padrões nacionais de arquitetura, valorizando seus residentes com interiores funcionais e muito bem iluminados.

Cabe ressaltar que não são somente as residências que receberam novos recortes arquitetônicos. Os cômodos comerciais também aderiram às linhas modernas de construção. O primeiro prédio a receber marcas modernas foi o edifício do Cine Teatro Helena [Foto 11] que, com suas curvas em Art Dèco, encantaram a população tupaciguarense por sua beleza e imponência na década de 1930. Seu estilo deu forma aos novos empreendimentos da Família Abdulmassih, proprietários deste prédio que construíram seus novos empreendimentos com o estilo Dèco, demonstrando o arrojo e a visão de futuro destes estrangeiros naturalizados. Assim, na década de 1940, construiu-se a sede da Prefeitura Municipal de Tupaciguara [Foto 12] com o mesmo estilo arquitetônico, demonstrando o pioneirismo libanês em implantar tal técnica no município.

Após a apresentação das residências de moradores ilustres, o filme retrata a realidade educacional do município que contava com amplos colégios, alguns mantidos com recursos estaduais/municipais e outros por entidades religiosas. O ginásio Imaculada Conceição [figura 13], dirigido pela Congregação das Filhas de Nossa Senhora do Monte Calvário, atendia somente estudantes do sexo feminino. Já o Ginásio Tupaciguara [figura 14], dirigido por padres católicos, acolhia somente alunos do sexo masculino. Portanto, nos dois principais centros de ensino, havia a separação entre sexos, porque o Ginásio Imaculada Conceição funcionava em regime de semi-internato.

A exposição destes e de outros centros educacionais do município na película, remonta a importância da educação no meio social, onde o conhecimento representava

papel de distinção entre classes sociais. Nos dois maiores e principais ginásios, somente estudavam filhos de famílias com importância social. Assim, é perceptível pelas imagens a diferença dos ginásios para com os demais centros educacionais do município, onde se pode notar a utilização de uniformes e uma maior disciplina, enquanto na Escola Clertan Moreira do Vale, é perceptível no filme, uma grande parte das crianças, não utilizando calçados. O nível social na década de 1960, na cidade de Tupaciguara, ditava a qualidade do ensino aplicado, bem como a atenção voltada para os alunos.

O filme apresenta algumas obras da administração do então Prefeito Municipal, Palmério Araújo, tendo boa parte destas ações voltadas à infra-estrutura do município. Há o incremento às novas técnicas de captação de água, bem como a construção de canais de abastecimento. Todavia, a mais significativa ação do poder público, mostrada através da película, é a construção da Praça de Esportes “Governador Bias Fortes”. Tal obra, em estilo modernista, demonstra a busca por momentos de lazer e saúde, através de exercícios esportivos. Até o referido ano de 1960, a cidade de Tupaciguara não contava com um clube para recreação, equipada com quadras e piscinas. Essa construção demonstra a importância da adequação municipal às novas exigências que enalteciam o nome da cidade de Tupaciguara como berço da modernidade.

A película é dividida em quatro eixos: aspectos urbanos, comemoração ao dia das mães, Expressões do Comércio em Tupaciguara e síntese do progresso industrial da cidade de Tupaciguara. Cabe aqui uma atenção especial ao trecho que compreende as transformações urbanas e os investimentos comerciais e industriais do município, pois é onde se encontram os principais investimentos e adequações para o crescimento.

São destacadas as empresas da Família Abdulmassih, localizadas na Rua Coronel Joaquim Mendes e que foram de muita importância para a cidade. Após apresentar o Cine Teatro Helena, o filme dá sequência registrando as outras empresas, encabeçadas pelos filhos do Camilo Abdulmassih; Fauze Abdulmassih e Abdo Messias Neto. Tais cômodos comerciais são evidenciados com fluxo e com uma grande variedade de mercadorias, principalmente da Loja “A Royal” [Figura 15]. O Cine Teatro Helena, O Cine Vitória, a Rádio Tupaciguara AM, Posto Esso “Royal”, Posto Texaco e Caninha “Quero mais” são as empresas que pertenceram aos comerciantes sírio-libaneses. Todas elas demonstram o grandioso investimento financeiro da família Abdulmassih, e, através da ousadia,

conseguiram construir no período uma das maiores empresas do município: a empresa “Abdo Messias Neto e Irmão”.

Nota-se neste momento que, os comerciantes estrangeiros investiram no comércio local e, através do fornecimento de inúmeros produtos, bem como os investimentos em entretenimento, comunicação e lazer auxiliaram na transformação cultural do município de Tupaciguara. Criaram-se novas formas comerciais, novas relações sociais com a comercialização dos produtos, bem como novas linguagens, com o advento das comunicações, tais como o rádio, cinema e teatro.

O filme apresenta as vias públicas de Tupaciguara na década de 1960 em plena movimentação. A Rua Coronel Joaquim Mendes de Carvalho, principal do município e mais importante perímetro comercial, se destaca pelo imponente edifício do Cine Teatro Helena e Rádio Tupaciguara AM e seus cômodos comerciais repletos de mercadorias industrializadas. São farmácias, lojas de tecidos e artigos finos, bancos, secos e molhados, bares, cinema, teatro, lojas de móveis e artigos agropecuários, consultórios dentários e escritórios. Todos estes comércios tinham suas atividades realizadas na Rua Coronel Joaquim Mendes de Carvalho onde se destacavam o Bar Glória, O Cine Teatro Helena e a Loja “A Royal”.

Essa rua transformou-se no principal perímetro urbano onde acontecia grande parte das relações sociais do município. Tanto através do comércio, quanto dos bares, cinema e rádio, os moradores de Tupaciguara construíam e vivenciaram ali amizades, opiniões políticas e religiosas, namoros, momentos de descontração e de lazer, surgindo assim uma cultura peculiar do município. O “vai e vem” como é nomeado, surgiu pelo incremento comercial de moradores locais e de estrangeiros que, através do crescimento urbano e a grande procura a determinados produtos, incentivaram no alicerce dos padrões comerciais de Tupaciguara. O cinema, o teatro e o Rádio completaram a paisagem urbana e incitaram a construção de novas relações sociais baseadas nas novas tecnologias de comunicação.

O filme apresenta tal foco, enfatizando sua importância comercial e cultural para o município de Tupaciguara, propiciando às gerações futuras o ato de observar o antigo centro comercial em pleno movimento. Diferentemente de seu tempo áureo, o que se pode observar nos dias atuais após a transferência do comércio para a Rua Bueno Brandão, são casarios antigos sem utilidade comercial e abandonados.

Outros cômodos comerciais são enaltecidos no decorrer da película, tais como: Móveis Boa Vontade, Posto Esso Royal, Armazém Lopes, Farmácia São Judas Tadeu, A Nova América e a concessionária Ford, que, devido a grande utilização de caminhões para o transporte de arroz, se fez presente na cidade de Tupaciguara. A concessionária Ford Motors do Brasil, com um significativo fluxo comercial de produtos e serviços, foi filmada ampliando suas instalações para um melhor atendimento de seus clientes e para suprir a suposta demanda do município.

A produção no campo, na década de 1960, baseava-se na monocultura. A produção de arroz significou para a cidade de Tupaciguara o início da industrialização municipal. Contando com inúmeras máquinas de beneficiamento de arroz, criaram-se grandes empresas no ramo de beneficiamento, transporte e armazenamento do produto. Surgiram grandes postos de trabalho para o plantio, colheita, transporte e armazenamento do arroz, gerando oportunidades de trabalho para a população tupaciguarense, bem como garantiu a riqueza de grandes famílias do município.

A empresa Comércio e Indústria de Cereais Tupaciguara S/A, que é citada na película, transformou os moldes agrícolas do município que, não somente supria as necessidades internas de consumo de arroz, mas seus negócios atingiam níveis estaduais. Tal comércio gerava altas cifras aos cofres da empresa, onde se tornou uma das principais indústrias do município no ramo cerealista.

Vale ressaltar também, que outras empresas, através da colheita, do beneficiamento e da comercialização do arroz, deixaram gravados seus nomes na história industrial do município. No filme, é citada a Ceres LTDA, a Cerealista Tupaciguara LTDA, Cerealista Triângulo LTDA e a Cerealista Vilela LTDA, todas equipadas com grandes maquinários que retiravam a casca do arroz e, em seguida, selecionava-o para seu armazenamento. As grandes transações comerciais feitas por estas empresas geraram grande lucratividade aos cofres municipais através de impostos, criando assim inúmeros postos de trabalho.

Há também a apresentação no filme de empresas do ramo madeireiro. A empresa Clodoaldo Prudente e Irmão, que se dedicava à fabricação de tacos para o revestimento interno de residências, produziam artefatos que eram adquiridos por uma seleta parcela da população. Tais produtos eram comercializados no município e em toda a região triangulina, lembrando que em grande parte das residências de alto padrão construídas na

década de 1960 na cidade de Tupaciguara, boa parte foi revestida com estes tacos. No ramo ceramista, é destacada a Cerâmica Bom Sucesso, que produzia telhas e tijolos através de grande maquinário e um numeroso quadro de funcionários.

Por este viés, o filme sobre a Tupaciguara de 1960 auxilia na compreensão de todo o processo de desenvolvimento urbano, comercial, social e cultural do município de Tupaciguara, mesmo tendo sido encomendado para o repasse de uma imagem de cidade próspera e em pleno progresso. Assim, a pedido da Prefeitura Municipal e de alguns comerciantes locais, a produção deste filme proporciona aos moradores tupaciguarenses, uma volta ao passado e nos faz analisar as transformações ocorridas no município e conhecer hábitos e costumes dos precursores deste processo.

Marc Ferro em *Cinéma et historie*, opina sobre o papel do filme como agente histórico, e não somente como um produto. Ferro demonstra como os filmes, através de uma representação, podem servir à doutrinação e ou à glorificação.⁵⁵ Ao mesmo tempo, observa que desde o momento em que os dirigentes políticos compreenderam a função que o cinema poderia exercer sobre os expectadores, eles tentaram se apropriar do meio, colocando-o a seu serviço. Portanto, é preciso levar em consideração que o próprio contratante da empresa produtora do filme é a Prefeitura Municipal de Tupaciguara no ano de 1960 e isso nos leva a questionar uma produção fílmica que se torna um documento histórico imprescindível, mesmo sendo uma produção encomendada.

Para Ferro, a contribuição maior da análise do filme na investigação histórica é a possibilidade de o historiador buscar o que não é visível, uma vez que o filme excede seu próprio conteúdo. Assim, podemos supor que a imagem cinematográfica vai além da ilustração e, o mesmo revela aspectos da realidade que ultrapassam o objetivo do realizador, além de, por trás das imagens, estar impressa a ideologia de uma sociedade.

Observando o ano de 1960 através das imagens do filme, comparando-as com o comércio atual da cidade de Tupaciguara, é notório que, grande parte destas empresas citadas na filmagem, fechou as portas. Somente duas delas continuam em funcionamento: A Rádio Tupaciguara AM e a loja “A Nova América”. Conclui-se que, após a década de 1970, a cidade de Tupaciguara entrou em um processo de descrédito e, grande parte de

⁵⁵ FERRO (1977) apud RAMOS, Alcides Freire. Cinema e História: Do filme como documento à Escritura Fílmica da História. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz; PATRIOTA, Rosângela. **Política, Cultura e Movimentos Sociais**: contemporaneidades historiográficas. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2001, p.11-12.

seus investidores comerciais abandonaram a cidade e procuraram se estabelecer em outras cidades da região, principalmente em Uberlândia.

Pela falta de oportunidades de trabalho, devido ao fechamento de inúmeras empresas da cidade, parte dos moradores locais iniciou um processo migratório, deixando sua cidade natal pela falta de oportunidade de trabalho. Assim, houve um enfraquecimento comercial de Tupaciguara e, este processo, é refletido nos dias atuais. Este declínio comercial iniciado na década de 1970 torna-se tema para futuras pesquisas onde poderão ser analisados os fatores precursores deste processo.

Portanto, o filme analisado neste capítulo não é somente uma ilustração de um período da sociedade tupaciguarense, mas sim um documento capaz de nos expressar realidades não idealizadas pelos produtores da película. Mesmo não havendo documentos politicamente neutros, há a possibilidade de, por trás da inicial intenção, conferir características da sociedade captada pelas imagens e a relação entre os autores do filme, a sociedade e a própria película. Assim, mesmo com o intuito da criação de uma imagem de “cidade próspera”, o filme Tupaciguara, Terra da Mãe de Deus garante às futuras gerações, o privilégio de apreciar tal documento histórico, de incalculável importância para o município. Essa produção, certamente, será utilizada como fonte para futuras pesquisas sobre a história de Tupaciguara.



Imagem 01 – Cachoeira “dos Costa”, capturada do Filme Tupaciguara, Terra da Mãe de Deus.



Foto 02 – Praça Benedito Valadares. Disponível no Arquivo Público Municipal de Tupaciguara. Provavelmente década de 1950. Não há indicação quanto à autoria



Foto 03 – Praça Benedito Valadares. Disponível no Arquivo Público Municipal de Tupaciguara. Provavelmente década de 1950. Não há indicação quanto à autoria



Imagem 04 – Igreja Matriz de Nossa Senhora da Abadia, capturada do Filme Tupaciguara, Terra da Mãe de Deus.



Foto 05 – Residências em estilo colonial. Disponível no Arquivo Público Municipal de Tupaciguara . Provavelmente década de 1940. Não há indicação quanto à autoria.



Imagem 06 –Residência em estilo arquitetônico modernista, capturada do Filme Tupaciguara, Terra da Mãe de Deus.



Imagem 07 - Residência em estilo arquitetônico modernista, capturada do Filme Tupaciguara, Terra da Mãe de Deus.



Imagem 08 - Residência em estilo arquitetônico modernista, capturada do Filme Tupaciguara, Terra da Mãe de Deus.



Foto 09 – Residência e cômodo comercial em estilo eclético. Disponível no Arquivo Público Municipal de Tupaciguara. Possivelmente década de 1930. Não há indicação quanto à autoria.



Imagem 10 - Residência em estilo arquitetônico modernista, destaque para afresco da área externa, capturada do Filme Tupaciguara, Terra da Mãe de Deus.



Imagem 11 –Edifício em estilo arquitetônico Dèco, que abrigou o Cine Teatro Helena e |Rádio Tupaciguara AM, capturada do Filme Tupaciguara, Terra da Mãe de Deus.



Imagem 12 –Edifício-cede da Prefeitura Municipal de Tupaciguara em estilo Dèco, capturada do Filme Tupaciguara, Terra da Mãe de Deus.



Imagem 13 – Ginásio Imaculada Conceição, capturada do Filme Tupaciguara, Terra da Mãe de Deus.



Imagem 14 – Ginásio Tupaciguara, capturada do Filme Tupaciguara, Terra da Mãe de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



“[...] o passado é inevitável e acontece independentemente da vontade e da razão. Sua força não pode ser suprimida senão pela violência, pela ignorância ou pela destruição simbólica e material”.⁵⁶ Beatriz Sarlo, em *Tempo Passado: Cultura da memória e guinada subjetiva*, acredita que, a força do passado na vida humana é algo desafiador e, mesmo através do esquecimento ou de repressão, ela estará impregnada nos alicerces de uma sociedade. Assim, é notório que, a busca por “vestígios” produz o papel do historiador que é recuperar o passado, mesmo tornando-se “refém” dos acontecimentos. Mesmo assim, é perceptível que, a história se oferece ao descobrimento através de ações do passado e nenhuma parte desta história pode ser abandonada pelo Historiador.

Diante disso, vale ressaltar que, este estudo sobre a cidade de Tupaciguara só se tornou possível pelo fato de o passado do município de “apresentar” e, conseqüentemente, guiar os passos desta pesquisa. Por meio da compreensão de inúmeros fatos, foi possível vislumbrar a riqueza histórica das ações humanas em nosso meio social. Mesmo buscando-as no passado são notórias as influências que atravessaram décadas e que, além de visíveis, ainda fazem parte do meio social da localidade.

Analizando as transformações ocorridas na cidade de Tupaciguara entre as décadas de 1920 a 1960, foi possível compreender a grandiosidade da “colcha de retalhos” da história local. São vários os personagens principais desta odisséia rumo ao desenvolvimento e o progresso do município, lembrando que todos os cidadãos, contribuíram para estas transformações locais. O estudo das variadas classes sociais, das diferentes raças, culturas, crenças, idades, funções, transformaram-se nos grandes atrativos na elaboração desta pesquisa que, mesmo delimitada, trouxe o gosto de querer buscar ainda mais respostas para perguntas que foram surgindo com o decorrer do trabalho.

Inúmeras são as histórias que se encontram dentro das histórias de Tupaciguara. Grandes são seus personagens que, sem a percepção da importância de suas ações para um trabalho histórico como este, participam efetivamente ao emprestar suas experiências de vida. Mesmo consideradas “mortas”, essas ações ainda continuam pulsantes e se tornam matéria prima para o trabalho de um historiador. Assim, observando o passado podemos perceber que, não há testemunho sem experiência e, muito menos, experiência sem narração.

⁵⁶ SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva** tradução de Rosa Freire d’Aguar. São Paulo/Belo Horizonte: Companhia das Letras, UFMG, 2007, p.114.

Apesar da escassa documentação sobre a história de Tupaciguara, a elaboração deste trabalho necessitou da utilização de uma fonte histórica que também causa dúvidas quanto sua veracidade. Mas, como visto no parágrafo anterior, não há como existir experiências sem testemunho ou narração e por isso, a oralidade fez-se importante para a elaboração desta pesquisa.

Bernardino Lopes de Faria, com sua simplicidade, seu amor por Tupaciguara e sua história, propiciou um momento mágico a este estudo. No momento da entrevista, ao relatar suas experiências construídas na cidade e, mesmo hoje, morando em Goiânia, permitiu que lágrimas rolassem por seu rosto, ao reviver momentos, através de suas lembranças. Assim, podemos perceber que as experiências, mesmo vividas em um tempo passado, constroem sentimentos demonstrando o quão vivas estão no ser humano. Elan Fonseca, nativo e morador da cidade de Tupaciguara, enriqueceu esta pesquisa com sua vivência e amor pelo trabalho, demonstrando também que o tempo não consegue desbotar ou excluir vivências de um homem.

A busca por evidências históricas do município demonstrou que, o descaso com a preservação da memória local é muito grande e somente agora há ações do poder público para o resgate, a preservação e o arquivamento adequados dos documentos históricos do município. Grande parte destas “pedras preciosas” dos historiadores encontra-se amontoadas em cômodos abandonados ou na memória de muitos moradores, à espera de trabalho de preservação. O Arquivo Público do município, apesar ter iniciado seus trabalhos recentemente, conta com um significativo acervo que muito auxiliou na elucidação de questões nesta pesquisa.

Discutir sobre as transformações ocorridas na cidade de Tupaciguara entre as décadas de 1920 a 1960 tornou-se um desafio onde, a dificuldade de fontes e a abrangência do tema fizeram com que houvesse a delimitação de tal pesquisa. Assim, a divisão dos capítulos desta pesquisa foram construídos e guiados pela localização das fontes, comprovando assim que, há idéias iniciais para a elaboração de um trabalho histórico, mas o tema, as fontes e as dificuldades é que regem os caminhos a serem seguidos em um trabalho com este.

De início, falar de uma cidade tipicamente rural, sem relatar acontecimentos a níveis nacionais, é deixar de mencionar os primórdios das mudanças, já que, grande parte delas foi importada, e outras, modificadas ou criadas na localidade. Feito isso,

considerações importantes fizeram-se presentes, como o estudo dos primeiros anos da formação da sociedade tupaciguarenses. Essa análise contribuiu na observação dos costumes adquiridos e dos costumes abandonados. Demonstrou como a cidade se desenvolveu e por quais meios isso ocorreu.

Além das influências econômicas trazidas por imigrantes, vale salientar a riqueza arquitetônica implantada pelas mãos destes comerciantes. As características urbanas da cidade se adequaram à nova forma de arquitetura, construindo uma imagem de moderno e, paralelamente, de beleza ímpar. As curvas do Dêco local impressionam pela beleza e, mais ainda, surpreendem quando mencionado o ano em que foram erigidas. Mesmo com a falta de mão de obra qualificada para a construção destas “obras de arte” ao ar livre, vários moradores driblaram a dificuldade em busca da realização de seus sonhos. Modernizaram os costumes domésticos e influenciaram outros moradores a aderirem tal modernidade.

Através dos novos contornos das praças, dos calçamentos das ruas e de sua iluminação, da aplicação de uma infra-estrutura capaz de atender aos moradores com costumes considerados modernos, a cidade de Tupaciguara transformou-se pelo desejo de seus filhos, sejam nascidos na localidade, ou estrangeiros.

Mesmo observando que, a cidade vivenciou entre 1920 e 1960 um período de intenso crescimento comercial, cultural e social, foi possível notar também que, após a década de 1970, a cidade entrou em um período de descrédito. Alguns moradores abandonaram a cidade pela falta de oportunidades de emprego e, a inoperância do poder público nos investimentos que sustentavam o alicerce da cidade de Tupaciguara, contribuiu para o surgimento de um período de dificuldades.

Das grandes empresas citadas nesta pesquisa, muitas faliram ou fecharam suas portas. As cerealistas, que sobreviviam com a produção de arroz, se viram diante de outros produtos, como a soja, que atraíram grandes produtores, desvalorizando assim a produção do arroz. Deu-se início a uma falência generalizada das empresas cerealista tupaciguarenses. Como grande parte da população dependia de tais serviços oferecidos pelas cerealistas, muitos à mercê do desemprego, optaram por buscar melhores condições de vida em outras cidades da região.

Algumas casas comerciais, administradas por famílias locais, enfrentaram concorrência com grandes redes de lojas que, além de produtos de menor valor, dispunham de grande estrutura e estoque. Muitas lojas citadas nesta pesquisas finalizaram suas

atividades no município, criando um ambiente de quebras e desemprego, retirando o sonho de muitos tupaciguarenses de morrerem em sua terra natal. Por escolherem outras cidades, estes antigos moradores, hoje, são nomeados de “tupaciguarenses ausentes” e, os mesmos, alegam sentir muitas saudades do tempo em que aqui viveram.

Nos dias de hoje, a cidade de Tupaciguara que tem como renda econômica, os negócios agropecuários, conta com um comércio variado que atende as necessidades internas, mas, poucas são as lojas administradas por famílias. Grandes redes comerciais de móveis e eletrodomésticos impediram o avanço das pequenas lojas familiares do município e, as que ainda sobrevivem, contam com pequenos estoques e uma pequena clientela, ainda fiel a seus conhecidos proprietários. Outro fator que proporcionou uma transformação no comércio tupaciguarense é a proximidade com a cidade de Uberlândia, onde muitos se deslocam até a referida cidade para comprar objetos que são disponíveis na cidade de Tupaciguara, não incentivando assim o comércio local.

Diante disso, é notório que a cidade de Tupaciguara vivenciou um período de intenso crescimento e, nos dias atuais, consegue buscar valores no passado para que possa almejar dias melhores. Mesmo com dificuldades, longe do passado de seu período áureo da cultura, da economia e do comércio, a cidade se encontra ainda repleta de receptividade e de moradores ordeiros. Muitos dos bancos, das árvores e das residências do período em destaque nesta pesquisa, ainda fazem parte da paisagem local e nos convida a mergulhar nos momentos humanos pertencentes à história de Tupaciguara. Os personagens destas histórias deixaram para a posteridade o privilégio de observar uma sociedade através dos atos humanos e, conseqüentemente, analisar as mudanças, comparando-as com a atualidade.

Ainda com as dificuldades encontradas durante o percurso de desenvolvimento desta pesquisa, houve momento em que o “ir de encontro ao passado” proporcionou momento de sonhos e idealizações. A busca, a descoberta, o questionamento, a análise, a observação e a compreensão fazem parte da vida dos seres humanos. Isso nos auxilia a continuar buscando soluções para nossos dias, transformando nosso meio e dando oportunidade de pesquisa para as gerações futuras.

As fotos utilizadas como fonte foram retiradas do Arquivo Público Municipal de Tupaciguara, localizado no CIAC – Centro Integrado de Arte e Cidadania – onde encontram-se poucos documentos sobre a história da cidade. Lembrando que, as ações do

referido arquivo foram iniciadas há nove meses. Dadas as péssimas condições nas quais foram encontradas as fotos e demais documentos, organizar todo este material torna-se uma tarefa árdua e que exige tempo. Por isso, grande parte destes documentos não teve sua autoria e data identificada. Assim, futuramente, o arquivo disponibilizará, através de seus trabalhos, novos dados sobre este material.

Por tudo isso, esta pesquisa, materializada em monografia, não ousa afirmar-se detentora de uma síntese sobre a história de Tupaciguara, mas apenas lançar luz à produção humana do local entre as décadas em destaque. O ideal de um trabalho como este é percebido através da necessidade que o presente tem da busca pelo passado. É, por meio dele, o presente, que o passado se apresenta, se impõe e se destaca! Assim, além do prazer em conhecer um pouco de nossa história, o despertar populacional para curiosidades é um sonho a ser realizado. Esta é uma pequena semente para a germinação de ações em prol da preservação e do resgate da história de Tupaciguara.

FONTES

CARTA

MAMEDE, Gerson Fraissat. Camilo: um tipo inesquecível, s/d.

DEPOIMENTOS

Entrevista concedida à Muriel Costa de Moura, no dia 22 de Agosto de 2008 na cidade de Tupaciguara-MG. Entrevistado: Bernardino Lopes de Faria, 82 anos

Entrevista concedida à Muriel Costa de Moura, no dia 10 de Fevereiro de 2009 na cidade de Tupaciguara-Mg. Entrevistado: Elan Fonseca

FILME

SOARES, Julio Antônio. **Tupaciguara, Terra da Mãe de Deus**, 1960.

FOTOGRAFIAS E IMAGENS

42 fotos de Tupaciguara em diferentes anos. Disponíveis no Arquivo Público Municipal de Tupaciguara.

O Filme Tupaciguara Terra da Mãe de Deus, foi fotografado quadro a quadro.

Capa: Foi utilizada a fotografia que mostra parte da Praça Benedito Valadares, Rua Bueno Brandão e Igreja Matriz de Nossa Senhora da Abadia. Possivelmente década de 1930. Não há indicação quanto à autoria.

Introdução: Foto do auditório da Rádio Tupaciguara AM ZYH4. Possivelmente década de 1930. Não há indicação quanto à autoria.

Capítulo I: Foto do interior do antigo cinema do “Peva”. Possivelmente década de 1930. Não há indicação quanto à autoria.

Capítulo II: Construção da ponte sobre o córrego do “poção”. Rua bom Sucesso e Igreja Matriz de Nossa Senhora da Abadia. Possivelmente década de 1950. Não há indicação quanto à autoria.

Capítulo III: Montagem com cinco imagens retiradas do filme Tupaciguara Terra da Mãe de Deus.

Considerações finais: Foto da Rua Coronel Joaquim Mendes de Carvalho. Cômodos comerciais e edifício do antigo Cine Teatro Helena e Rádio Tupaciguara AM. Foto tirada no dia 25 de junho de 2009. Autor: Muriel Costa de Moura.

LIVROS

KENT, Dennis. **Tupaciguara para Principiantes**. Uberlândia: MDComn, 2002.

MAMEDE, Elias Luis. **Bar Glória**. Uberlândia-MG: Aline Editora, 2004.

MEMORIAIS

Memorial intitulado de “Monografia do Município de Tupaciguara”, o qual é citada como sendo de autoria de uma antiga e conhecida professora do Município, Dona Ólbia Longino Teixeira. Memorial do cinquentenário. 1962

REVISTA

Revista Impacto — Ano 2, No. 5. Tupaciguara, Maio Junho de 2000. Edição especial

BIBLIOGRAFIA

BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, O Ofício do Historiador**. Tradução de André Telles. Prefácio de Jacques Le Goff. Apresentação à edição brasileira de Lília Moritz Schwarcz. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

BOTELLHO, Tarcísio Rodrigues. Imigração e família em Minas Gerais no final do século XIX. **Revista Brasileira de História**, Vol. 27, n. 54, p. 26, Dez. 2007. São Paulo

CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez Lições sobre os Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

Folha de São Paulo. 31 de Jan 2008. Disponível: <http://www.folhadeseupaulo.com/2008/01/reprter-esso-o-primeiro-dar-as-ltimas.html>.

Acesso em: 13 de abril de 2009.)

GRANZIERA, Rui Guilherme. O Brasil depois da Grande Guerra. In: COSTA, Wilma Peres de; LORENZO, Helena Carvalho de. (Org). **A década de 1920 e as origens do mundo moderno**. São Paulo: Editora da UNESP/Prisma, 1997, p. 137.

LEAL, Eliane Alves. **Dom Juan (1665, Molière): olhares sobre o riso na França Neoclássica**. 2007. 90 f. (Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História).

MACIEL, Laura Antunes. **A nação por um fio. Caminhos e imagens da “Comissão Rondon”** / Laura Antunes Maciel. São Paulo: Editora EDUC, 1998.

NÓVOA, Jorge; SILVA, Marcos. Cinema-História e Razão-Poética: o que fazem os profissionais de História com os filmes? In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (et. al.). **Sensibilidades e Sociabilidades: perspectivas de pesquisa**. Goiânia: Ed. UCG, 2008, p. 11-18.

PESAVENTO. Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RAMOS, Alcides Freire. A Historicidade de *Cabra Marcado para Morrer*. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz; PATRIOTA, Rosangela. **História e Historiografia: perspectivas contemporâneas de investigação**. Uberlândia, 2003, p. 79-98.

RAMOS, Alcides Freire. Cinema e História: Do filme como documento à Escritura Fílmica da História. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz; PATRIOTA, Rosangela. **Política, Cultura e Movimentos Sociais: contemporaneidades historiográficas**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2001.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva** tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo/Belo Horizonte: Companhia das Letras, UFMG, 2007.